



The

Solitary Knights
of Pelham Bay
Book 2

A Test of *Love*



Claire Thompson

ROMANCE UNBOUND PUBLISHING





Teste de Amor

Equipe Prazer em Seduzir



Disp. e Tradução: Rachael
Revisora Inicial: Lu Avanço
Revisora Final: Gabby
Formatação: Rachael
Logo/Arte: Dyllan

Embora tenha passado quatorze anos, Ryan Kennedy nunca superou por completo seus sentimentos por Tom Shafer, o professor universitário pelo qual se apaixonou sem remédio.

Junto com uma amizade cada vez mais profunda, um 'quase beijo' lhe tinha convencido de que seus sentimentos eram correspondidos pelo homem mais velho. Mas quando Tom insistiu em que os laços entre professor e aluno não deviam ser violados, Ryan lhe deu as costas, dizendo a si mesmo que estava melhor sem Tom em sua vida.

O destino interveio quando Ryan recebe um convite para um jantar de ex-alunos onde Tom é o orador convidado.

Decidido a reencontrá-lo, para ver se a chama ainda arde, Ryan vai ao jantar. Ambos se reencontram, movendo-se rapidamente para algo mais que só amizade. Seus incipientes



sentimentos são postos a prova quando começam a chegar cartas cheias de ódio, advertindo a cada homem para permanecer afastado um do outro.

Muito novo para confiar por completo, ambos se debatem sobre como dirigir a situação. Quando as advertências se convertem em violência, poderá essa relação sobreviver?

Revisoras Comentam...

Lu Avanço: Continuando a historia mais um mocinho desiludido que pela diferença de idade não teve o seu grande amor, mas pode reencontrá-lo agora terá que enfrentar um passado ruim, mas com amor tudo se resolve, muito lindo o livro e nos mostra que as diferenças não importam bjs Lu Avanço

Gabby: Esse segundo livro achei ele bem mais intenso, sexy, e com muito mais ação do que o primeiro. Claro que continua abordando o caso de homens de corações partidos em busca daqueles que deixaram escapar.

Não deixem de ler!!!!

A Série

Tudo começou como uma brincadeira. Vários meninos queimados pelo amor decidiram criar um clube que chamaram de os Cavaleiros Solitários, prometendo uns aos outros que não teriam nada que ver com o amor, preferindo sair com várias pessoas e manter seus corações intactos. Os meninos se reúnem uma vez ao mês para tomar uma cerveja e renovar sua promessa de evitar o amor a todo custo. Entretanto, debaixo da risada e a fanfarronice, cada homem esconde um coração quebrado.

Uma noite, Drew Kensington, dono do clube onde se reúnem, propõe uma provocação: “Por que não encontrar a esse menino, que fugiu, aquele que não deixamos que desaparecesse por completo de nossos sonhos? Averiguar seu paradeiro. Voltem a falar com ele. Então voltem aqui e nos digam o que descobriram.”



Do Livro 1:

Encontrando Chandler...

Eric e Ryan abandonaram o bar, ao mesmo tempo. Eric subiu a gola de seu casaco enquanto iam pela chuva gelada de novembro.

“Então você esteve apaixonado uma vez faz muito tempo, hein? Não parece ter idade suficiente para ter inclusive um faz muito tempo,” Eric brincou.

Ryan negou com a cabeça. “Esta semana faço trinta e quatro anos. Isto foi quando estava na universidade. Meu professor de biologia, de todas as pessoas. Talvez não fosse amor, quem sabe. Talvez eu estivesse tão animado por finalmente me deixar ser abertamente gay, e a busca de um homem gay ao que pudesse admirar.” Fez um gesto com a mão, como se fosse esmagar a uma mosca.

“De qualquer forma. É história antiga. Não pensei nele em anos.”

Livro Dois



Uma prova de Amor

A chuva se transformou em granizo pelo tempo em que Ryan desceu do ônibus e caminhou uma quadra até seu apartamento localizado no Brooklyn. Tratou de andar com cuidado pelas escadas de concreto escorregadio e lutou como sempre com a fechadura, suas cartas sob o braço.

Uma vez dentro do calor de seu lar, deixou cair às cartas e os papéis de propaganda no sofá. Tirando a jaqueta empapada, pendurou-a no ruidoso radiador para que secasse e soprou seus dedos congelados.

Já era tarde. Ryan bocejou, pensando sobre a reunião que teria bem cedo com seus clientes na manhã seguinte, que ele teria amado cancelar, mas não era uma opção.

Foi para a cozinha para fazer uma xícara de chá, que levou de volta à sala de estar, embalando a xícara quente em suas mãos. Sentou-se no sofá e se recostou para trás, fechando os olhos. As perguntas de Drew no bar lhe tinham feito pensar. *Realmente tinha má sorte no amor? Ou tinha aquele único amor, há muito tempo, arruinado sua chance de encontrar a felicidade?* Antes que se desse conta, sua boca se moveu, e Ryan sussurrou o nome que tinha mantido banido de sua mente consciente durante tanto tempo: “Tom...”

Com um suspiro, voltou-se para a pilha de cartas. Havia um envelope da Universidade de Rutgers. Quando viu o nome do remetente, ele conteve sua respiração. Não se considerando um homem que acreditava no destino, Ryan olhou o envelope com incredulidade. *Thomas Shafer – Presidente da Rutgers Contra a Fome*. A coincidência era muito estranha. O homem que nunca desapareceu por completo de seus sonhos, primeiro veio a sua mente pelo desafio de Drew, e agora, isto!

Ryan passou o dedo levemente sobre o nome, fechando os olhos enquanto um espasmo das amargas lembranças corria através dele. Professor Tom Shafer, o objeto da juventude de Ryan, seu desejo febril, ele tinha trinta e cinco anos e Ryan vinte. Embora



quinze anos não fosse muita diferença entre adultos, naquela época tinha sido uma brecha enorme entre o professor e seu aluno.

Ryan rasgou o envelope. Dentro havia um convite para um jantar para arrecadar fundos, assinatura do professor Shafer impressa por computador. Ryan soltou um suspiro. *O que tinha esperado, uma carta de amor pessoal?*

Provavelmente o professor nem sequer se lembrava do rapaz que tinha aconselhado uma vez em seu escritório, ou suas conversas sinceras sobre ser homossexual em uma sociedade ainda homofóbica. Será que ele se lembrava da visita de campo à costa de Jersey para estudar os ecossistemas marinhos, quando eles se separaram dos outros estudantes durante quase vinte minutos?

Mesmo agora, quando fechava os olhos e permitia que as lembranças fluíssem, podia sentir o forte sabor do sal na brisa do mar e escutar as ondas quebrando perto. Os dois ficaram agachados ao lado de uma grande rocha, sozinhos naquele momento, só os dois. Tom estava falando algo a respeito das evidências da erosão, enquanto eles se ajoelhavam lado a lado, examinando os sedimentos. As palavras de Tom se afastaram, e tudo o que Ryan notava, era sua proximidade, seu aroma, seu hálito quente.

Com um movimento, um se inclinou em direção ao outro, suas testas e narizes quase se tocando. Ryan fechou os olhos, seu coração golpeava, com as mãos apertadas, cada célula de seu corpo viva com a antecipação, desesperado pelo beijo que sabia que ao fim estava chegando.

Então, de uma só vez, sem abrir os olhos, sentiu a ausência. Tom tinha se afastado, e de pé sacudia a areia de seus jeans, virando o rosto para o mar. Ryan ficou paralisado de joelhos, com a boca despojada de seu beijo, seu coração retorcido e estatelado contra as pedras pelo rechaço de Tom.

Esse foi o momento em que a parede se derrubou entre eles, ou pelo menos um véu tão espesso, que o jovem, e inexperiente Ryan, não conseguia ver um caminho, além disso. O



“quase beijo” que quase tinham compartilhado, Ryan entendia agora, em retrospectiva, tinha sido o limite que seu professor não pôde ou não quis cruzar.

Para o jovem que ele tinha sido então, esse tinha sido o rechaço final, e o que atingiu suas interações com outras pessoas durante os anos por vir. Ele tocou sua boca, que tinha beijado tantos homens nos anos que seguiram, e sacudiu a cabeça, surpreso de como a lembrança ainda tinha o poder de afetá-lo, inclusive depois de todos estes anos.

Provavelmente do mesmo modo se o professor já não recordasse ao menino apaixonado que Ryan tinha sido naquele tempo. Era vergonhoso agora pensar como ele tinha ansiado por seu professor, masturbando-se na ducha do dormitório, com a imagem de um homem que nunca iria desejá-lo.

Entretanto, agora que as lembranças adormecidas de sua paixão tinham sido despertadas devido ao desafio de Drew, Ryan não podia deter o fluxo de imagens que passavam como convites através de sua mente.

Como seria ver o sorriso de Tom novamente? Olhar naqueles olhos tão sérios e escuros? O professor tinha uma maneira de acalmar Ryan naqueles tempos. Quantas vezes ele tinha corrido para o escritório de Tom, arrebatando de indignação sobre a última injustiça social do dia? Tom iria ouvir, refletir e discutir com o Ryan de uma maneira que não só lhe ajudasse a ganhar perspectiva, mas também o validasse como pessoa.

É claro, tudo isso foi há muito tempo. Tom teria quarenta e nove anos agora, e não tinha nenhuma dúvida que tinha passado por um montão de mudanças em sua própria vida. Quem sabia se era o mesmo homem depois de todos estes anos, ou se eles poderiam voltar a conectar-se da forma como eles foram uma vez? Talvez fosse melhor deixar as lembranças do calmo, compassivo e tão sexy professor escondidos em um sonho seguro, intactos como o quase primeiro amor na vida de Ryan.

Por que mexer no passado e arriscar a ser machucado mais uma vez? Mesmo que eles se encontrassem, quais eram as chances de que um atrativo, doce, e bem-sucedido homem como Tom Shafer ainda estivesse disponível?



Ryan bufou de novo, aborrecido consigo mesmo por estas reflexões de adolescente. Tinha passado muito tempo desde que teve esse tipo de ilusões. Nos anos transcorridos desde Tom, o que Ryan tinha encontrado? Homens que confundiam controle, sexo e poder com amor. Caras que falariam qualquer coisa para conseguir o que queriam.

Ele afastou a lembrança de uma sucessão de relações ruins. Elas não tinham nenhum poder sobre ele, *não mais*, disse a si mesmo com firmeza. O amor era para os perdedores e sempre havia alguém que terminava ferido no final.

Iria ao jantar de arrecadação de fundos, mas com zero de expectativa, simplesmente por uma questão de curiosidade. Era por uma boa causa, depois de tudo. Ryan jogou uma olhada a seu relógio, tomando o resto de seu chá morno e foi para a cama.

* * * * *

Ryan tinha chegado quase com uma hora de atraso ao evento, preso no inferno de uma negociação com um cliente importante, incapaz de livrar-se a tempo para a hora do coquetel que tinha sido programada antes que o jantar desse início.

Encontrou-se sentado em uma mesa atribuída com um montão de gente que não conhecia, na remota possibilidade de voltar a encontrar com um tipo que, por tudo o que sabia, não se lembraria dele desde Adam.

Uma mulher que se apresentou como a presidente do departamento de ciências do meio ambiente, aproximou-se do pódio e saudou os convidados, agradecendo-lhes por terem vindo.

“Por favor, permita-me apresentar o nosso orador desta noite, o Dr. Thomas Shafer.” O garfo de Ryan se deteve no ar, sua atenção focada na parte frontal do salão. Enquanto a mulher enumerava as realizações do Dr. Shafer e suas publicações, Ryan esticou-se acima das cabeças que bloqueavam sua vista de Tom, sem sucesso.



Então ele apareceu, levantando de uma das mesas da frente e caminhando para o pódio. Embora seu cabelo, uma vez castanho escuro, se transformou em prata, não havia dúvida de que era o mesmo homem. Alto e ainda elegante, movia-se com uma graça que fez algo se agarrar na garganta de Ryan.

Quatorze anos tinham se passado, e Ryan sentia-se como se tivesse vinte anos de novo. Ele gostava das aulas do professor, e tomava muitas notas à maioria das vezes, assombrado do vasto conhecimento de Tom e sua perspicácia. Mas de vez em quando, encontrava-se sonhando acordado, enquanto olhava a linha da mandíbula quadrada de Tom, o movimento de seu pomo de Adão, a sugestão do pelo no peito que se encrespava na abertura de sua camisa de botão.

Esta noite, o professor trajava terno e gravata, o que parecia muito apropriado. O tempo tinha sido amável com o homem mais velho. Pelo menos de onde Ryan estava sentado, ainda se via muito bem.

Enquanto Tom falava, parecia como se ele estivesse focado diretamente em Ryan, embora depois de um momento de autoconsciência, Ryan se deu conta de que ele provavelmente olhava para algum ponto de enfoque distante no fundo da sala. Era provável que nem sequer pudesse ver Ryan lá atrás, sobre todas as outras mesas cheias de pessoas, nem o reconheceria se fizesse.

Entretanto, Ryan lhe devolveu o olhar, incapaz de apartar os olhos do rosto do homem no qual tinha estado irremediavelmente apaixonado por tantos anos. Quando o discurso de Tom, o qual Ryan não tinha registrado uma palavra, terminou, houve aplausos e depois as pessoas começaram a mover-se de suas mesas, de volta à zona aberta para confraternizarem.

Ryan também ficou de pé, avançando em direção para seu antigo professor, sem ideia do que diria quando chegasse lá. Deteve-se perto de um grupo de três homens e duas mulheres, o que lhe deu a oportunidade de estudar Tom mais de perto. Na verdade, estava inclusive mais bonito do que quando ele era mais jovem. Havia linhas de risadas gravadas



profundamente nos cantos de seus olhos, desmentindo as duas ranhuras de preocupação entre suas sobrancelhas. Em lugar de envelhecê-lo, o cabelo prateado de Tom em realidade o favorecia, por que destacava seus ainda vividos olhos castanhos escuros.

Tom escolheu esse momento para encontrar seus olhos e observá-lo, enquanto Ryan esperava para ver se ele o reconhecia. De repente uma mudança pareceu surgir no rosto de Tom. Em sua boca se desenhou um sorriso, uma questionável luz em seus olhos.

“Com licença,” disse Tom ao grupo, passando entre eles e caminhando para Ryan. “Ryan?” Tom inclinou a cabeça perguntando. “Ryan Kennedy? É você?”

“Eu confesso.” Ryan riu, mais feliz do que queria admitir porque Tom o tinha reconhecido.

“Quanto tempo faz? Dez anos? Quinze?”

“Quatorze.”

Tom assentiu lentamente, esfregando o queixo entre o polegar e o indicador. Ryan não podia deixar de encará-lo. Estava acostumado a fantasiar a respeito de lambar seu caminho ao longo da linha daquela mandíbula até chegar aos lábios de Tom. Se pudesse lhe dar um beijo, tinha pensado naquele tempo, então Tom saberia que estavam destinados um ao outro, e os obstáculos da idade e o problema aluno-professor que se danassem. Naquela época tinha escrito muitas, dolorosas cartas para Tom, que é claro, nunca tinha enviado. Nelas Ryan descrevia todas as formas em que eles eram compatíveis, não só sexualmente, mas também filosoficamente, intelectualmente, espiritualmente...

Tom o olhava com expectativa, e Ryan se deu conta de que ele devia ter perguntado-lhe alguma coisa.

“Sinto muito, o que?”

“Especializou-se em...?”

Merda. Tom não se lembrava dele, ou melhor, não recordava o que tinham compartilhado. Ou o que Ryan tinha pensado que tinham compartilhado. Do contrário como poderia ter feito essa pergunta?



Engolindo sua decepção, Ryan respondeu com uma voz neutra: “Estudos do meio ambiente. Em seguida obtive meu título de direito em Yale. Tenho um escritório em Manhattan com o Jacobs e Brock. É possível que tenha ouvido falar do grupo. Praticamos legislação ambiental, com um enfoque nos litígios de responsabilidade civil de tóxicos.” Ryan mordeu seu lábio para deter-se, consciente de que soava como se tivesse algo que demonstrar. Sem dar a Tom a oportunidade de responder, ele saiu disparando, “E você? Segue ensinando biologia?”

Tom sorriu, um sorriso lento e fácil que se sentia como um dedo assinalando ao longo das terminações nervosas de Ryan. Seu pênis se levantou e Ryan ajustou a jaqueta para mais perto, envergonhado pela traição de seu corpo.

“Sim,” respondeu Tom. “Depois de todos esses anos, ainda estou nisso. Apesar de que agora ensino a estudantes de pós-graduação, graças a Deus. Sem mais palestras para entediar calouros indiferentes, simplesmente porque têm que cumprir com o requisito de cursar ciência e biologia, resulta ser a saída mais fácil para isso.”

Tom olhou seu relógio. “Pergunto-me se poderei sair daqui agora,” murmurou, oferecendo um sorriso cúmplice. “Eles me convidaram para participar disto, e enquanto eu estou encantado de ajudar, eles só têm cordialidade e falsidade para poder arrecadar tudo o que possam.”

Ryan riu. Este era o Tom Shafer que recordava engraçado e irreverente, sempre empurrando contra o status quo¹. “Você pode vir tomar um drink comigo,” ele sugeriu, tomando a decisão uma fração de segundo antes de expressar a mesma.

Tom parecia contemplar a oferta de Ryan, seus dedos novamente massageando seu queixo. “Eu gostaria disso,” disse, outorgando outro sorriso que puxou ao pênis de Ryan. “Vemo-nos no Salty Dog em trinta minutos?”

O Salty Dog.

¹ Statu quo (da expressão in statu quo res erant ante bellum) é uma expressão latina que designa o estado atual das coisas, seja em que momento for.



Tom havia dito mais com essas palavras do que em todo o tempo que tinham estado conversando. Antes, quando Ryan ia à faculdade ali, o Salty Dog era um bar gay situado não muito longe da universidade. Ryan se surpreendeu ao saber que ainda existia, e mais surpreso ainda de que Tom o sugerisse.

Talvez ele se lembrasse de Ryan, no final das contas.

* * * * *

Quatorze anos. Realmente tinha se passado todo esse tempo? Ryan Kennedy, o menino de ouro que quase tinha quebrado as defesas de Tom, tinha retornado, vendo-se inclusive melhor que em sua juventude. Que teste de força de vontade ele tinha sido para Tom naquele tempo. Teria sido tão fácil ceder a seus instintos mais básicos. Tinha-lhe tomado até a última gota de vontade de reunir a força moral para resistir.

Tom sabia que os convites para a arrecadação de fundos foram feitos a todos os alunos que ainda estavam nos registros, mas mesmo assim, tinha sido um choque ver Ryan Kennedy sentado na parte de trás da sala, olhando tão tentador como o formoso estudante que tinha sido fazia tantos anos. A maturidade lhe caía bem, a barba loiro escuro recortada na mandíbula e o rosto mais magro devido à idade adulta tinham trocado o rosto de menino bonito para o de um homem bonito.

Distraído por ver Ryan, Tom tinha mudado para o piloto automático o seu discurso, algo que era muito adepto, devido a seus anos de docência aos estudantes, enquanto sua mente estava às vezes em outros lugares. Ele estava contente quando Ryan se aproximou, embora não pudesse negar o nervosismo. O desejo que sentia quando Ryan tinha sido seu aluno, quase lhe custou à sanidade. Foi duplamente difícil pelo quão aberto era Ryan, em sua dolorosa paixão juvenil.



Tom teve que ser forte, não só por ele, mas também por Ryan. Ele não podia deixar Tom saber que compartilhava seu desejo, e desejava fazer mais do que apenas falar com o estudante de mente rápida, ideias provocativas e um corpo duro e jovem...

Estava razoavelmente seguro de que nunca se delatou. Exceto por uma vez, e graças a Deus, que tinha se detido antes que fosse longe demais. Mas o custo tinha sido grande. Tinha perdido a amizade de um jovem que ele realmente admirava por seu sério idealismo e sonhos otimistas para o futuro. Levou um longo tempo para superar Ryan Kennedy.

Jogou uma olhada no interior do Salty Dog, vendo Ryan sentado no último banquinho do bar. Seu cabelo loiro caía reto, em uma espessa franja sobre a testa e sobre seus olhos, conforme se inclinava sobre sua bebida. Tom sorriu; Ryan sempre parecia precisar de um corte de cabelo. Ele achou curiosamente reconfortante pensar que, ao menos, aquilo não tinha mudado.

Enquanto Tom se dirigia para o bar, um jovem se deslizou no banco ao lado de Ryan. Vestia calças jeans e uma camiseta negra, seus bíceps avultados nas mangas. Tom parou exatamente atrás deles, esperando para ver o que iria acontecer.

“Posso lhe pagar uma bebida?” O homem colocou a mão de maneira familiar na coxa de Ryan. Embora Tom soubesse que era ridículo, sentiu uma pontada de ciúmes.

“Já tenho uma, obrigado,” disse Ryan. “Estou me encontrando com alguém.” Como se fosse o momento justo, Ryan girou sobre seu banco, com os olhos brilhando enquanto olhava para Tom. A mão do jovem se afastou e ele desapareceu.

Tom deslizou em seu lugar, fingindo que não tinha presenciado a cena. “Olá. Lamento, demorei mais do que esperava.”

“Não há problema. Posso te pedir algo? Guinness Stout?” Ryan fez gestos ao garçom.

² A Stout básica é uma cerveja de cor próxima ao negro, amarga e elaborada com malte de cevada torrada. O conteúdo alcoólico é variável, mas normalmente não supera o 6% de álcool por volume.



“Você lembra minha bebida preferida.” Tom disse extraordinariamente satisfeito. Ryan pediu a bebida de Tom, junto com outra cerveja para ele.

“Lembra-se de como costumávamos nos encontrar aqui?” Ryan perguntou, o tom da luz ocultava algo mais profundo em seus olhos.

“É claro.” Tom sorriu.

“Então se lembra de nossas conversas dolorosamente sinceras a respeito da vida, o universo e tudo.” Ryan riu timidamente. “Ou pelo menos eu era dolorosamente sincero.”

“Eu estava dolorido,” Tom replicou com um sorriso. “Tem alguma ideia de quão difícil era manter minhas mãos longe de você?”

“Perdão?” Ryan se voltou completamente para ele, os olhos cada vez maiores. O garçom colocou em frente a eles suas bebidas.

Tom se pôs a rir, envergonhado, perguntando-se por que tinha soltado essa verdade a um homem que mal conhecia, não mais o menino com a paixão juvenil. Levantou seu copo, tomando um comprido gole, enquanto se recompunha.

“Você com certeza manteve em segredo então.” A amargura no tom de Ryan era inconfundível. *Poderia ser que ele, que isso ainda importava?*

“Você mal tinha vinte anos. Eu era um professor sem diploma. Era 1995 e a política do campus era decididamente menos liberal do que é hoje em dia, não que eles sejam tão liberais agora.” Tom negou com a cabeça, recordando. “Tem alguma ideia dos problemas que eu poderia ter me metido se me envolvesse com um estudante? Para não mencionar o cara com quem estava envolvido naquela época.”

“Eu me lembro. Seu companheiro.”

“Era meu companheiro, mas sua importância é discutível. O homem mais ciumento que já andou sobre a terra. Estava acostumado a inspecionar meu pescoço em busca de batom, no sentido figurado.” Tom tentou sorrir, mas não suficiente para acreditar. Levou um longo tempo para superar o tipo de amor sufocante de Anthony.



Tinha sido William que tinha devolvido a fé de Tom e o impediu de converter-se em um homem cínico e enfastiado que pensava que o amor era só para os idiotas. William havia lhe devolvido a esperança. Ah, como sentia falta dele!

Ryan o trouxe de volta à realidade. “Bom, seja lá o que ele era para você, você usou esse relacionamento, entre outras coisas, para me manter a distância. Era para ser mais um prego no caixão do meu amor de adolescente.”

“Provavelmente,” Tom admitiu. “Se te serve de consolo, não era de você que eu tinha medo, Ryan. Era de mim. Ponha-se em meu lugar, um sexy e jovem estudante com um caso grave de amor adolescente preparado para lançar-se, nu, aos meus pés. Merda, eu só tinha trinta e cinco anos, pelo amor de Deus! Quando olho para trás, me surpreendo de ter tido suficiente controle para me conter como fiz.”

Ryan riu. “Bom, não foi por falta de tentar da minha parte.” Ryan encarou-o por um momento, com seus claros olhos azuis, aquele olhar que utilizava para fazer com que o coração de Tom saltasse, antes de se virar para o bar, e se concentrar em sua bebida.

“Então, quantos anos tem agora? Trinta e quatro?”

“Sim.”

Trinta e quatro anos... Não havia nenhuma maneira de que o jovem pudesse estar interessado em um tímido homem de cinquenta anos de idade, a diferença era esmagadora. Será que Tom ainda tinha o necessário para atrair um homem? Ele queria saber? Podia chegar mais perto, igual ao cara que tinha deixado vago seu banquinho uns minutos antes. Ele podia roçar com seus dedos a sólida coxa de Ryan, movendo sua mão para cima sugestivamente enquanto se fixava no olhar ardente de Ryan...

Mentalmente, Tom negou com a cabeça. *O que estava pensando?* Só porque Ryan havia participado da arrecadação de fundos, não queria dizer que estava interessado em iniciar algo com seu velho professor.

Forçando sua atração pelo jovem a ficar de lado, Tom ao invés ofereceu: “Sabe, eu ainda me sinto mal de como as coisas terminaram. Lamento pela dor que te fiz passar. Posso



entender por que abandonou minha classe e deixou de aparecer, mas eu gostaria que as coisas tivessem sido diferentes.”

“Eu também.” Ryan deu de ombros. “Mas bom, assim é a vida, verdade? Nos dois seguimos adiante.” Ryan pegou o pedaço de limão de sua bebida e separou de seu copo, chupando a fruta na boca.

Tom observava fascinado, enquanto a língua vermelha de Ryan serpenteava sobre a casca de cor verde pálida. Ele conteve a respiração, alertando a si mesmo para se segurar. Ryan havia dito que tinha seguido em frente.

Dedicaram-se a conversas fúteis enquanto bebiam. Quando Tom sugeriu pagar a próxima rodada, Ryan negou com a cabeça. “Foi um dia longo. Para mim é suficiente.” Tirou sua carteira do interior de sua jaqueta e pegou uma nota de vinte dólares.

Mais decepcionado do que ele queria admitir, mas não disposto a fazer papel de bobo, Tom pegou sua própria carteira. Ryan o deteve. “Ouça, esta é por minha conta. Você deve ter comprado uma centena de copos de cerveja para mim naqueles dias. Devo-lhe isso.”

“Muito bem, obrigado.” Ficando de pé, Tom perguntou. “Você mora por aqui?”

“Não. Moro no Brooklyn. Tenho um longo caminho a minha frente. Pelo menos é sexta-feira e posso dormir amanhã.”

“No entanto, você tomou várias cervejas.” Consciente de que poderia estar ultrapassando, Tom ofereceu. “Eu moro apenas uns dois quilômetros daqui. Ficaria feliz em fazer-lhe uma xícara de café...” Ele parou, esperando.

“Então, não há nenhum companheiro em casa? Ninguém esperando por você?”

“Ninguém além do George.” Quando Ryan arqueou uma sobrancelha, Tom adicionou com um sorriso. “Meu gato.”

* * * * *



Ryan seguiu Tom até sua casa, situada em um tranquilo bairro suburbano em New Brunswick. A noite estava ficando cada vez mais interessante. Ele pensou que estava dando a Tom uma saída elegante ao dizer que já tinha bebido o suficiente. Que agradável surpresa quando Tom ao invés, o tinha convidado a sua casa. Não é que necessariamente significasse que houvesse algo mais do que parecia estar na superfície: uma oferta amistosa de uma xícara de café antes de uma hora até sua casa.

A casa de Tom era muito mais do que Ryan teria esperado, os móveis funcionais e confortáveis, com fotografias preto e branco perfeitamente emolduradas nas paredes. Havia estantes em todas as partes, abarrotadas de livros que claramente não estavam ali para decoração.

Tom pendurou seus casacos e as jaquetas no pequeno vestíbulo. Ele levou Ryan através da sala para a cozinha, que era pequena, mas brilhante, as paredes pintadas de um azul céu, os gabinetes de cor branca. “Então”, disse Tom, enquanto colocava café em uma cafeteira, “e você? Se você não se importar com a minha perguntar, há alguém esperando por você?”

“Por mim?” Ryan franziu o cenho, a pergunta de Tom trouxe a sua mente uma indesejada lista de relacionamentos fracassados. “Não. Meu último relacionamento sério foi pior que sofrer um acidente de trem. Um desses finais horríveis e bagunçados, onde você acaba se sentindo como merda.” Ryan estremeceu, recordando as lágrimas e as acusações. “De fato, cheguei a ter que pedir uma ordem de restrição contra ele. Ele não tem permissão de falar comigo de maneira alguma, ou estar a certa distância de minha residência ou do meu trabalho.”

“Nossa,” Tom franziu o cenho. “Este é um assunto sério. Você foi ameaçado fisicamente?”

Envergonhado, e perguntando-se por que diabos tinha admitido isto a um homem que ele não mais conhecia, Ryan tentou dar marcha ré. “Você poderia dizer que sim. É um tipo grande. Musculoso. Ele gosta de lançar seu peso ao redor, literalmente.” Discorrendo



sobre todos os detalhes, adicionou: “Ele é um desses caras que não podem aceitar um não como resposta.”

“Conheço o tipo. É melhor terminar de maneira limpa. Você dá alguns centímetros a eles e acham que podem conduzir um caminhão através disso.”

“Sim. Na verdade ele deixou a cidade por um tempo, o que foi bom. Entretanto, ele voltou. Eu o vi na academia outro dia.” Ryan deu-se conta de que estava abraçando a si mesmo. Consciente disso deixou cair os braços. “De todos os modos, ele tem mantido distância. Aprendi minha lição com essa relação. Desde então, mantenho as coisas devagar. Simples desse jeito. É como dizemos no clube, estou tranquilo e despreocupado.”

“O clube?”

Um gato branco com vivos olhos azuis apareceu, encrespando-se em seu caminho sinuosamente ao redor dos tornozelos de Tom. Este se inclinou, acariciando distraidamente ao animal.

“É um lindo gato,” Ryan disse feliz pela distração. O que havia no professor, inclusive depois de todos estes anos, que lhe fazia dizer abruptamente às verdades que eram melhores manter guardada?

“Este é George.” Tom alcançou até o armário, tirando uma caixa de comida para gatos, a qual ele colocou em uma pequena tigela de cerâmica no chão perto da despensa. George ofereceu um agradecido “miau” e se moveu com graça felina para a comida, que ele inspecionou delicadamente com seu nariz cor de rosa antes de pegar um delicioso bocado. Tom sorriu para o gato com afeto evidente. “Ele me adotou quando comprei este lugar.”

Tom levou a cafeteira à mesa e se sentou junto a Ryan. “Então, você estava falando de... um clube? Que tipo de clube?” Serviu o café em ambas às xícaras, colocando açúcar na dele.

“Oh, é um lugar que eu vou. Um grupo de rapazes, chamados de Os Cavaleiros Solitários da Baía Pelham. Reunimos-nos uma vez ao mês para tomar uma cerveja e jogar uma partida de dardos. Todos nós temos nossas histórias de terror, suponho. Nenhum de



nós teve muito êxito no departamento do verdadeiro amor. É uma espécie de grupo de apoio, um aviso para cada um de nós de que o amor é para os perdedores.”

“Sempre pensei que o amor era para os sonhadores,” Tom disse, seus olhos procurando o rosto de Ryan.

Ryan bufou. “Sim, claro.”

Tom arqueou as sobrancelhas. “Antigamente você costumava ser um sonhador.”

Ryan deu de ombros. “Na minha experiência, você conhece alguém, você acha que é o eleito, põe seu coração nisso e *bang*, ele desce o martelo e o faz em pedaços. Agora, uma pessoa estúpida conhece outro cara, acredita que *ele* é o eleito e começa tudo de novo. Ah, *desta vez* será diferente, você diz a si mesmo. Mas não é. Nunca é.”

“Ryan.” Tom repreendeu com suavidade. “O que aconteceu com o rapaz que eu conheci? O rapaz que era um apaixonado pela igualdade social e o poder do amor para conseguir mudar as coisas?” Tom negou com a cabeça, ofegando suavemente. “É irônico que, tenha sido você que chegou além de minhas defesas com sua seriedade, o otimismo juvenil a respeito de como iria mudar o mundo. O que aconteceu a esse jovem, Ryan? Aonde ele foi?”

“O rapaz cresceu, suponho. Eu tinha vinte anos, pelo amor de Deus. Tinha todo o potencial, mas nenhuma experiência. Isso foi antes que eu realmente saísse nesse mundo duro e cruel e percebesse o que uma batalha perdida pode ser.”

“É obvio. A vida nos empurra todo tipo de lixo. Nossos corações são maltratados, isso é parte de estar vivo, Ryan. Mas isso não significa que tenhamos que deixar de dar ou receber amor e nos fechar de encontrar a felicidade outra vez. Corações podem se quebrar, mas eles não deixam de funcionar, não enquanto você viver. Você não perde a capacidade de amar.”

“Sim, bem, talvez você tenha sido mais afortunado do que eu. Se o amor estiver aí fora, eu com certeza não o encontrei.”

“Você é muito jovem para ter este tipo de cinismo, meu amigo. Onde está o sonhador que eu costumava conhecer e admirar, aquele que recitava poesia em voz alta?” Tom sorriu.



“Lembra-se daquela do e.e. cummings³ que eu sempre gostei? Algo sobre a morte que vem sem parêntese?”

“OH, Deus.” Ryan gemeu e cobriu seu rosto, envergonhado. “Eu era um tolo sentimental naquele tempo. Não posso acreditar que ainda lembra. Aprendi muito após.”

“Você aprendeu, não é? O que você aprendeu? Se você aprendeu a se fechar ante o potencial do amor, só porque você pode se machucar, então eu não acho que você aprendeu muito.” Ryan o olhou, surpreso pelo forte tom na voz de Tom.

Ferido, Ryan respondeu: “Verdade? O que você sabe sobre isso? Você tem quarenta e nove anos e ainda está sozinho, pelo que eu posso ver.” Deixou que seus olhos varressem a sala, como se alguém de repente pudesse aparecer detrás da geladeira.

Tom apertou os lábios, um espasmo de dor contorcendo seu rosto.

“Deus, eu sinto muito,” Ryan disse, instantaneamente atingido com remorso. “Isso foi desnecessário.”

“Tudo bem,” Tom graciosamente permitiu. “Esqueça isso.” Sua expressão se suavizou quando acrescentou. “Eu sempre me lembrei dos últimos versos desse poema. Eles têm um grande significado para mim.” Tom fechou os olhos, como se as palavras estivessem escritas no interior de suas pálpebras. Ele citou, “‘Riso, recostando-se em meus braços. Porque a vida não é um parágrafo e a morte, acredito eu, não tem parêntese’”.

Ryan não respondeu.

“Como foi, Ryan?” Tom pediu. “‘Totalmente sendo um tolo...’”

Apesar de si mesmo, Ryan encontrou-se continuando a linha do poema que não tinha pensado em mais de uma década. “Enquanto a primavera está no mundo, meu sangue aprova, e beijos são um destino melhor do que a sabedoria.”

Tom pôs sua mão sobre a de Ryan, assentindo. “Sim. Isso mesmo, Ryan. O poeta tinha razão.”

³ Edward Estlin Cummings, usualmente abreviado como e.e. cummings, em minúsculas, como o poeta assinava e publicava, foi poeta, pintor, ensaísta e dramaturgo americano, é considerado um dos principais inovadores da linguagem da poesia e da literatura no séc. XX.



A boca de Ryan ficou subitamente seca e o suor picava em seus braços. Olhou a mão de Tom, admirando a simples aliança de prata no dedo. O toque de Tom pôs seu sangue a correr velozmente e ele não conseguia respirar direito.

Com sua mão ainda sobre a de Ryan, Tom deslizou sua cadeira até que esteve sentado a seu lado. “Senti sua falta quando foi embora, Ryan. Senti sua ausência todos os dias. Passaram anos antes que finalmente pudesse te deixar sair de meu coração e de minha mente.”

Ryan ficou olhando para ele, estupefato. “Não tinha nem ideia,” sussurrou-lhe. “Aquele beijo. Aquele *quase beijo* na praia... para mim foi o fim. Queria-te muito para ficar depois disso.”

“Eu sei.” Tom assentiu. “Eu sinto muito. Era um limite que eu não podia cruzar com um estudante. Apesar de que tinha mais de dezoito anos, não podia ver além da relação estudante-professor. Eu era jovem e rígido. Não sabia que era possível dobrar sem romper...”

Ryan olhou fixamente ao homem a sua frente, sem poder pronunciar uma palavra. Tom sorriu de repente e sacudiu a cabeça. “E agora, quando tenho tudo resolvido, me olho no espelho e vejo meu pai. Não é exatamente a matéria das fantasias de um jovem.”

“Vê-se malditamente bem para mim,” Ryan respondeu.

“Sim, claro. Um menino bonito e bem-sucedido como você realmente vai estar interessado em um velho como eu.”

“Está brincando? Estou tão farto dos idiotas superficiais excitados que encontro, simplesmente desisti. Talvez...” Ryan fez uma pausa, golpeado pela possibilidade. “Talvez estive procurando nos lugares errados.”

Tom se inclinou para ele, seus olhos fechados, e Ryan entendeu que Tom estava oferecendo, enfim, aquele beijo, finalmente.

À medida que seus lábios se tocaram, Ryan entendeu que tinha estado esperando silenciosamente esse momento a noite toda. Tom o atraiu para mais perto, e Ryan realmente



gemeu contra sua boca, um eco de quatorze anos atrás, quando seu desejo quase o tinha destruído.

Ele inclinou-se para Tom, aspirando ao aroma quente e doce de sua pele, enquanto ambos exploravam a boca um do outro. O desejo ardia em seu interior. Era algo além da luxúria, reavivando com forte anseio em seu coração, o dilacerador amor juvenil que havia sentido há muito tempo por esse homem.

Tom permaneceu de pé, puxando Ryan em seus braços. Ryan podia sentir o pênis de Tom pressionando com força contra ele. Beijaram-se com a urgência de homens desesperados, famintos um pelo outro.

Quando Tom finalmente o deixou ir, puxou o nó da gravata de Ryan. Levantou-a por cima de sua cabeça e a jogou sobre uma cadeira. Com dedos ágeis, moveu-se para a camisa de Ryan, desabotoando-a. Ryan fechou os olhos enquanto Tom apertava as mãos contra seu peito nu, cobrindo os mamilos com suas palmas.

Tom beijou o pescoço de Ryan. Depois de um momento sua cálida e úmida língua foi substituída por seus dentes. Tom soltou um grunhido baixo e gutural que provocou que o pelo na parte posterior do pescoço de Ryan se arrepiasse, chamando a sua essência primitiva insistentemente. Ryan gemeu em resposta, procurando impulsivamente o vulto entre as pernas de Tom. Ele pegou sua dureza por debaixo do tecido da calça do outro homem, desejando que suas roupas se derretessem.

Com as mãos e as bocas ainda explorando, os homens se moveram lentamente através da sala de estar e ao longo de um corredor para o quarto de Tom. Uma vez ali, Tom tirou a gravata, com os olhos fixos em Ryan, que deixou cair à camisa ao chão. Chegou até os botões da camisa de Tom com dedos torpes.

Entre beijos, despiram-se um ao outro e caíram na cama. Ryan passou as mãos com avidez pelo corpo de Tom. “Provavelmente não é o que você está acostumado,” Tom brincou. “Você verá, quando chegar aos quarenta, de repente a gravidade adquiri um significado totalmente novo.”



“Você parece muito bem para mim,” disse Ryan. “Perfeito.” Colocou a mão no pênis de Tom, que ainda estava a meio mastro, em contraste com sua própria ereção palpitante.

Tom, por sua vez o alcançou. “Idade antes da beleza. Tenho que provar-lhe.” Ele beijou o peito de Ryan, desenhando um círculo ao redor de cada mamilo com a língua, enquanto acariciava o pênis de Ryan.

“Quis fazer isto há quatorze anos,” Ryan protestou, com medo de que se Tom continuasse assim, ele gozaria cedo demais. “Eu primeiro.” Ele se apartou.

“Que tal juntos?” Tom se pôs a rir, mas seus olhos estavam ardendo. Girou ao redor e Ryan compreendeu. Moveram-se até que cada um tinha ao nível da cabeça a virilha do outro. Ryan fechou os olhos, aspirando ao aroma almiscarado e embriagador de Tom.

“Sim,” ele sussurrou, a simples palavra sibilante transmitia seu desejo. Ele tinha toda a intenção de levar as coisas com calma. Ele queria agradar Tom, fazê-lo gemer, ter cada centímetro do pênis de Tom em sua boca, e não parar até que Tom pedisse clemência.

Ele se deu conta de que nunca quis a um homem tanto quanto queria a este agora mesmo. O corpo de Ryan doía com a luxúria, seu pênis se sobressaía em plena ereção, seu coração acelerado. Ao mesmo tempo, foi acossado por um sentimento de irrealidade. Este homem, o primeiro homem que quebrou um coração que iria suportar muitos maus tratos nos anos seguintes, estava nu a seu lado, sua língua levando-o ao êxtase, seu pênis endurecido ante o toque de Ryan. Podia isto estar acontecendo realmente?

Tratou de concentrar-se, prestar atenção com a boca e as mãos ao pênis de Tom. Ryan acariciou e lambeu a carne quente, picante, mas se encontrou perdendo sua concentração quando Tom o levou mais profundo, fazendo algo incrível com os músculos de sua garganta que lhe fez gemer involuntariamente.

Apesar de suas boas intenções, o pênis de Tom deslizou de sua boca. Ele foi absorvido totalmente pelo que o professor estava fazendo com sua boca. “Jesus,” Ryan gemeu. “Que merda... OH...”



Lábios, língua, músculos da garganta, os dedos se moviam em conjunto, o que fez Ryan ficar total e completamente a mercê do homem mais velho. Ryan tentou alcançar Tom, para chupar e acariciá-lo em troca, mas descobriu que estava paralisado com o prazer. Ele quis afastar-se, para dar a Tom a opção de engolir ou não, mas se sentiu impotente contra o implacável beijo do homem. Tom não se deteve até que Ryan esteve tremendo, sacudindo seu corpo em espasmos convulsivos de êxtase.

Ryan entrava e saía da consciência, flutuando em um grande orgasmo enquanto seu corpo se recuperava. Quando finalmente pôde recuperar o fôlego, disse. “Isso foi incrível. Sinto que todo meu corpo gozou, não só meu pênis. Meus dedos, os dedos de meus pés, meu cabelo, a parte detrás de meus joelhos. Quando puder me mover, realmente quero te devolver o favor. Ou ao menos tentar.” Obrigando seus músculos a cooperar, Ryan se inclinou para frente, procurando o pênis de Tom com a boca aberta.

Tom se apartou, bamboleando seu pênis ereto. “Tenho uma ideia melhor.” Tom alcançou até a sua mesa de cabeceira, abrindo a gaveta. Retirou uma camisinha e segurou-a com uma pergunta em seu rosto. “Está pronto para mim?”

Ryan assentiu com entusiasmo e rolou para seu lado, levantando o traseiro em um claro convite. “Sim. Tenho que te sentir dentro de mim.” Apesar de ainda se sentir como uma boneca de trapo, suas terminações nervosas se estremeceram com a expectativa. Girou de novo para ver Tom colocar a camisinha em seu pênis e esfregar lubrificante sobre a cabeça.

Tom abaixou-se rapidamente junto a Ryan. Ele utilizou seus dedos primeiro, gentilmente abrindo a passagem de Ryan. “Jesus, desejo-te,” Tom murmurou, sua voz quase em um sussurro. Quando ele substituiu seus dedos com a gorda cabeça de seu pênis, Ryan empurrou para trás contra a invasão, lhe dando à bem-vinda, saboreando a plenitude, quando Tom facilitou seu caminho para dentro.

Moveram-se juntos, ondulantes, e Tom aumentou o ritmo. Envolveu seus braços ao redor de Ryan, sujeitando-o firmemente enquanto se empurrava dentro dele. Ryan se sentiu pleno e seguro, envolto nos braços deste homem. De certo modo, era como se tivesse estado



esperando todos esses anos por este momento. Fechando os olhos, apertou-se de novo contra o corpo de Tom, tomando-o tão profundamente como pôde.

Apesar de que se sentia maravilhoso, um impulso particularmente duro causou que Ryan abrisse os olhos. Eles se focaram em uma fotografia emoldurada sobre a mesa: Tom de pé abraçado a um homem bonito de pele escura com um sorriso deslumbrante.

Ryan conteve o fôlego. Se não tinha companheiro, o que era isso? Pelas expressões de seus rosto e a forma em que estavam de pé, era evidente que estes homens eram muito mais que amigos. O anel que tinha visto no dedo de Tom... *Este homem o pôs ali?*

Depois de um momento, Tom desacelerou seu ritmo. “Ei,” murmurou, acariciando o pescoço de Ryan. “Onde foi?”

“O que?”

“Está todo rígido. Tem algo errado?”

“Não, não,” Ryan mentiu. Eles estavam no começo para que ele perguntasse sobre a fotografia, sobre tudo agora. Talvez mais tarde. Talvez Tom lhe oferecesse a resposta.

A mão de Tom se ajustou ao redor do pênis de Ryan, afagando-o, enquanto começava a empurrar novamente dentro dele. “Bom. Quero toda sua atenção, joventinho. Haverá um teste mais tarde.” Continuou movendo o pênis de Ryan enquanto o fodia, até que cada pensamento se desvaneceu da mente hiperativa de Ryan, seu corpo se estremeceu uma vez mais à medida que chegavam juntos ao orgasmo.

* * * * *

“Está dormido?” Ryan perguntou em voz baixa, em caso de que estivesse.



Em algum momento Tom deve de ter se levantado e apagado a luz, cobrindo-os com a manta. Estavam juntos na cama, deitados de conchinha, como aspas⁴. “Hmmmm,” Tom murmurou sonolento.

“Sinto muito,” Ryan disse. “Não quis acordá-lo.”

“Não, está tudo bem.” Tom ficou de barriga para cima, puxando Ryan para ele.

Ryan tinha ficado acordado por um tempo, olhando a foto sobre a cômoda de Tom, que agora estava brandamente iluminada pela luz da lua que entrava pelas cortinas de renda na janela. “Quem é esse? Na foto?”

Ele tinha que saber, inclusive se isso significasse o que diabos fosse que eles iriam ter agora. Tom não respondeu imediatamente. Ficou quieto, com o braço solto sobre as costas de Ryan. Ryan, que se encontrava com sua bochecha contra o peito de Tom, podia ouvir o batimento constante e lento de seu coração.

“William,” ele disse finalmente. “Esse é William.”

“William.” Ryan repetiu, tenso. Tom estava envolvido em uma relação no final das contas? Tinha ele levado Ryan tão facilmente para sua cama, enquanto ainda amava outro homem? Ryan não conseguia conciliar isto com o homem com o qual tinha estado esta noite. O que diabos estava acontecendo?

“Ele morreu a cinco anos, de câncer nos ossos.”

As palavras golpearam Ryan como um murro. “Sinto muito.” Seja o que for que tivesse esperando como resposta, definitivamente não era a que obteve. Impulsivamente se aproximou para alcançar e segurar a mão de Tom. Enquanto ele o acariciava, ele sentiu o anel no dedo de Tom. “Ele lhe deu este anel?”

“Sim. Ele tinha um igual. Eu o uso em sua memória.” Tom não disse mais nada durante um tempo.

⁴ No original o termo usado foi quotation Mark, que traduzindo significa o símbolo usado para aspas(“).



Ryan sentia-se como um burro, recordando sua loquaz observação anterior sobre Tom não se saindo melhor em encontrar o amor do que ele. *Como deve ser encontrar o amor de sua vida, e logo perdê-lo para o câncer? Seria possível voltar a amar?*

Como se estivesse escutando os pensamentos de Ryan, Tom disse: “Passou-se um longo tempo antes que eu estivesse preparado para ter encontros novamente. Estivemos juntos por quatro anos antes que ele adoecesse. Ver alguém passar por isso, não é algo que você supere rapidamente. Ele sofreu muito no final. Mas eu não teria trocado um segundo do meu tempo com ele. Nenhum.”

“Cara,” Ryan disse. “Não sei se poderia lidar com isso.”

“Acredite ou não, o tempo realmente ajuda a curar a dor, inclusive esse tipo de dor. Trata-se de esperança, Ryan. A vida não é um parágrafo. O amor faz que a história continue.”

“Tom, eu realmente sinto muito.”

“Ouça, está tudo bem. Estou bem. A vida é boa.” Tom acariciou o cabelo de Ryan. Os dois ficaram em silêncio durante um longo momento.

“Durma,” Tom afinal sussurrou, e ele dormiu.

* * * * *

“Oh, uau, um lugar para estacionar bem na frente. Isso nunca acontece.” Ryan manobrou seu reluzente Porsche de cor vermelha na vaga ao lado da calçada, em frente a seu apartamento no Brooklyn.

Depois de uma lenta sessão de fazer amor na cama mais cedo naquela manhã, eles tomaram uma ducha e um café quente. Tom estava esperando que Ryan lhe desse um adeus nesse ponto. Segundo sua experiência, rapazes mais novos como Ryan, tendiam a se afastar durante algum tempo depois da intimidade de uma primeira noite. Necessitavam de tempo



para 'processar a experiência'. Tom sabia melhor do que protestar, apesar de que ele amaria levar Ryan de volta para a cama.

Portanto, surpreendeu-se, mas de forma prazerosa, quando Ryan sugeriu que passassem o dia juntos, se Tom tivesse tempo. Eles iriam tomar o café da manhã e então talvez fazer exercícios ou simplesmente relaxar na sauna no clube de Ryan. Depois disso, veriam até onde chegariam.

"Se você tiver tempo, é isto." Ryan disse. Tom, que não tinha tido muitos encontros desde o falecimento de William, não tinha outra coisa há não ser tempo, embora, de novo, não comentou nada a respeito. À medida que dirigiam desde Nova Jersey à cidade, Ryan tinha explicado que seu automóvel era sua única auto-indulgência. A fim de permitir-se isso, ele vivia em um pequeno apartamento no Brooklin e tomava o metro para ir trabalhar todo dia, enquanto seu automóvel se encontrava seguro instalado em uma garagem. Tirava seu bebê, como ele o chamava, nos fins de semana, ou para viagens especiais, como a que tinha feito à noite anterior ao Rutgers.

"Tem certeza de que está tudo bem deixar este carro luxuoso no meio fio?" Tom perguntou com um sorriso.

Ryan assentiu. "Claro. Vai ficar tudo bem. Vou apenas pegar minhas coisas da academia e volto logo. Você pode esperar aqui e mantê-la a salvo."

"Soa como um plano."

Com o motor ainda ligado, Ryan saltou e se encaminhou para seu apartamento. Um homem saiu de uma porta próxima, com um chapéu enfiado abaixo em seu rosto. Parecia estar movendo-se para o automóvel de Ryan com um passo decidido, mas se desviou no último minuto, indo em outra direção. Uma moça com duas crianças pequenas a reboque passou apressada.

Justo quando Tom começou a procurar um pouco de música no rádio, Ryan abriu a porta do condutor, deixando entrar um sopro de ar frio. Trocou-se, vestindo calça jeans e



uma blusa e levava uma jaqueta de couro negro. Tom, que tinha posto uma calça de lã e um suéter de caxemira pela manhã, de repente sentiu-se agasalhado demais.

Ryan atirou a bolsa com suas coisas no assento traseiro ao lado da bolsa de Tom. Quando ele pôs sua mão sobre a coxa de Tom e o apertou, Tom esqueceu-se momentaneamente de seu incomodo.

“Então, quero te levar a este magnífico lugar não muito longe daqui, que faz a melhor omelete que já provei. Em seguida, se ainda estiver com animo, podemos ir à academia e relaxar na jacuzzi ou na sauna um pouco antes de voltar para minha casa.” Ele aumentou a pressão na coxa de Tom e lhe deu um sorriso significativo.

Tom não se importaria de pular o café da manhã e a sauna, mas não queria parecer um velho bastardo excitado, por isso simplesmente assentiu. Era algo mais do que apenas o sexo quente, embora isso tivesse sido incrível. O que tinha feito o tempo com Ryan tão excepcional, ele percebeu, era a primeira vez desde William, que Tom tinha saído de sua própria cabeça pelo menos por um tempo.

Como qualquer outro cara desde William, mesmo durante o ato sexual em si, era como se William estivesse empoleirado justo detrás de seu ombro, olhando o processo com aquele sorriso de *sabe tudo* que ele tinha tido. Mas ele tinha escapado desta vez, ao menos até que Ryan tinha falado a respeito da fotografia.

Tom não tinha estado esperando companhia, mas mesmo que estivesse, deveria ter guardado a fotografia de William? Em retrospectiva, provavelmente teria sido melhor ter contado a Ryan de antemão, mas não se lamentava de que Ryan a tivesse visto e lhe perguntasse a respeito. Era melhor que Ryan soubesse sobre William, se iriam começar algo real.

Algo real... Estava realmente considerando algo com este moço? Seria a diferença de idade muita grande? E inclusive se pudessem trabalhar sobre esse assunto, estava preparado para as complicações que uma relação traria?



Escutar-se falando de uma relação, pelo amor de Deus. Tudo era tão novo, que repreendeu a si mesmo. Um dia de cada vez. Não é necessário fazer grandes planos, ele simplesmente tinha que ver como as coisas iam.

Ryan estacionou nos fundos do estacionamento, tão longe dos outros carros quanto possível. O restaurante era pequeno e luxuoso, com cadeiras fofas e toalhas de mesa de linho. Tom percebeu que estava esperando algum clube, algo que um estudante o levaria. Mas Ryan, dirigindo seu porsche e praticando Direito em Manhattan, havia claramente melhorado desde aqueles dias.

Tom estava dando sua segunda mordida em uma perfeita omelete grega, quando Ryan ficou tenso a seu lado. “Merda.”

“O que aconteceu?”

“Aquele é Richard Bangert. Dirige uma cadeia de fábricas de produtos químicos no norte de New Jersey. Estamos no meio de um processo contra ele porque ele supostamente gera altos níveis de mercúrio, dos bifenilpoliclorado e outras substancias químicas que estão causando há falta de um ambiente seguro para seus trabalhadores. Acabamos de conseguir que sua maior fábrica fique fechada temporariamente devido ao equipamento defeituoso, vazamentos e uma gerencia de obra pobre. O cara não é um campista feliz, e obviamente apelou.”

“Parece que deveria estar no cárcere, não tomando um café da manhã,” Tom observou, olhando ao corpulento homem de sessenta e poucos anos com desgosto.

“Foi penalizado com uma multa muito grande, mas este pleito durará anos. Ele fez algumas ameaça indiretas na corte outro dia. Não me surpreenderia que saldasse suas dívidas a punhos e tacos de beisebol nos becos. Ele é um verdadeiro ato de classe.” Ryan sacudiu sua cabeça. “Pelo menos parou de trabalhar ativamente envenenando seus empregados.”

Como se procurasse o momento certo, o homem que tinham estado a observar virou a cabeça para eles, franzindo os lábios e o cenho enquanto olhava duramente para Ryan.



“Nossa, Ryan,” disse Tom. “Nunca pensei realmente no direito ambiental como perigoso, mas esse homem parece que quer te matar.”

Ryan riu e deu de ombros. “Ele é um imbecil. Sabe que se tentar algo, vamos cair sobre ele com todo o peso da lei. Infelizmente, tem bolsos muito fundos. Inclusive se tivermos êxito no fechamento de todas suas operações em New Jersey, ele provavelmente seguirá em frente e encontrará um novo lugar para poluir. É muito mais barato do que conseguir que suas empresas sigam os códigos da lei.”

Depois do café da manhã, dirigiram-se para a academia de Ryan, um lugar de alta tecnologia cheio de equipamentos de última geração e televisores de tela plana. Aos olhos de Tom parecia que todos os homens que havia ali, poderiam ter entrado em um concurso de Mr. Universo. Tom nunca tinha posto um pé em uma academia. Preferia o solitário desafio de correr, a qual ele conseguia manejar todas as manhãs, inclusive no inverno. Entretanto, a ideia de sentar-se nu em uma sauna com Ryan e um grupo de jovens musculosos não lhe resultava especialmente atrativa.

“Vamos à banheira de hidromassagem,” sugeriu, enquanto guardavam suas bolsas nos armários.

“Parece ótimo.” Ryan concordou.

Tinham uma das três banheiras de água quente fixa no chão, junto à piscina, para eles. Uma vez que entraram na água quente, Ryan se inclinou para trás, colocando os braços ao longo do perímetro da banheira e fechando os olhos. Lançou um suspiro de satisfação.

Tom o olhava, admirando seu jovem e forte corpo, com seus largos ombros, o peito musculoso e suave, a pele ficando de cor rosada na água fumegante. Ele queria inclinar-se e beijar a seu novo jovem amante. Queria lambe seu caminho para baixo no peito de Ryan e seguir adiante. É obvio, não fez tal coisa, em lugar disso se inclinou para trás e deixou que as correntes dos jorros da hidromassagem lhe golpeassem as costas e os ombros.

Quando abriu os olhos, viu um homem alto, muito musculoso em uma sunga, que parecia estar no final dos vinte, ou começo dos trinta e poucos anos de pé na beirada da



piscina, olhando fixo diretamente a eles. Tom fixou seu olhar no rosto do homem, assumindo que uma vez que fizessem contato visual, ele olharia para o outro lado. Mas ele não fez. Se algo, seu olhar se fez mais intenso.

“Alguém esta nos observando,” Tom comentou, com os olhos ainda no homem.

Ryan se sentou e olhou. Recostando rapidamente, ele gemeu.

“Quem é?”

“Esse é Kurt. Kurt Engle, o cara sobre quem te falei. Contra o que apresentei uma ordem de restrição.”

“Pensei que ele não tinha permissão para estar perto de você. Ele tem que partir agora?”

“Não, não é uma ordem de distância específica. Ele não tem permissão de se aproximar de mim ou da minha propriedade, mas em um lugar público, sempre e quando não tentar falar comigo, não é uma violação da ordem.”

Kurt continuou olhando para eles, uma careta em seu formoso rosto. Ele era construído solidamente, com ombros largos e as pernas tão grossas como os troncos das árvores. Um momento depois, outro homem, mais baixo e mais escuro, apareceu junto a Kurt, também em traje de banho com uma toalha sobre seu ombro.

“Parece que tem um novo namorado,” Tom comentou.

“Graças a Deus pelos pequenos favores,” Ryan respondeu, com os olhos ainda fechados. Tom viu que o outro homem puxava o braço de Kurt, gesticulando para a piscina. Kurt afastou a mão do homem, sem deixar de olhar para eles, fazendo Tom se sentir, de fato, muito desconfortável.

Ele relaxou um pouco quando os dois homens entraram na piscina e começaram a nadar, mas depois de apenas umas poucas voltas, o ex de Ryan saiu e agarrou sua toalha, indo em direção ao vestiário.

“Ei,” O companheiro de Kurt o chamou atrás dele, mas Kurt não se virou.

“Uh, veja,” observou Tom. “Problemas no paraíso.”



“Ignore-os,” Ryan disse, alcançando sob a água para encontrar o pênis de Tom e embalar-lo com sua mão. “Quer sair daqui?” Murmurou, enquanto acariciava a ereção de Tom sob a água espumosa.

“Pensei que nunca perguntaria.”

* * * * *

Tinha começado a nevar pelo tempo em que tinham deixado à academia. Ryan começou a contornar sua rua, indo em direção à garagem duas quadras abaixo onde guardava seu automóvel, mas ele podia ver o espaço aberto em frente a seu edifício. Em um impulso, virou abaixo em sua rua.

“Duas vezes em um dia, é muito bom para deixar passar.” Ryan entrou na vaga, e desligou o carro.

“Tem certeza? Não me importo em caminhar.”

“Não, está tudo bem. É fim de semana, deveria ficar bem. Vou guardá-lo mais tarde.”

“Muito bem, me convenceu.” Caminharam em direção à porta da frente de Ryan. Tom seguiu Ryan abaixo pelo curto lance de escadas e esperou enquanto ele destrancava a porta, aliviado quando, por uma vez, ela abriu sem uma luta.

“Tenho que te advertir, todo o dinheiro foi para o carro, e não para o apartamento.” Ryan sentiu náusea por um momento ante a ideia de Tom ver seu pequeno, pouco elegante apartamento. Mantinha-o limpo, mas tinha feito muito pouco para que fosse um lar. Estranho, até este momento, esse assunto nunca tinha importado.

Uma vez dentro, Ryan se esqueceu de sua insegurança. Sem nem sequer olhar ao redor, Tom o empurrou contra a porta, pressionando seus joelhos entre as pernas de Ryan enquanto lhe cobria a boca e os ombros. Quando finalmente o liberou por ar, o pênis de Ryan estava duro como uma rocha, suas bolas apertadas.



Ele se aproximou mais de Tom e virou, então agora era Tom que estava sendo pressionado contra a porta. Antes que Tom pudesse dizer uma palavra, Ryan caiu de joelhos. Ansiosamente, desabotoou as calças de Tom, tratando de alcançar o interior.

“Tenho que te provar,” murmurou, em uma imitação consciente das palavras de Tom na noite anterior. Tom gemeu quando Ryan fechou os lábios sobre seu pênis. Ryan deslizou sua mão dentro de uma das pernas da cueca boxer de Tom, embalado as bolas pesadas e quentes enquanto chupava seu pênis. Ryan não pôde obter o suficiente enquanto ele se balançava e lambia, tomando todo o pênis em sua garganta, segundos antes de deslizá-lo lentamente de volta, seus lábios e língua dançando sobre a carne quente e sedosa.

Não passou muito tempo antes que Tom se inclinasse para frente, agarrando fortemente os ombros de Ryan. Quando Ryan sentiu os espasmos convulsivos do orgasmo iminente de Tom, este tratou de apartar-se, mas Ryan o segurou. Alcançou com uma de suas mãos o traseiro do homem, com a boca fechada ao redor do pênis de Tom, sem deixar dúvidas sobre suas intenções.

“Ryan,” Tom ofegou, enquanto enviava sua semente em jorros quentes contra a parte detrás da garganta de Ryan.

Só quando esteve seguro de que Tom tinha terminado, Ryan retrocedeu, lambendo os lábios quando sorriu ao sexy homem.

“Homem, você vai me matar!” Tom riu. “Estou muito velho para todo este sexo.”

“Sim, diga-me outra mentira,” Ryan provocou, enquanto ficava de pé, envolvendo seus braços ao redor de Tom.

“Não, é sério.” Tom sorriu. “Agora estou com uma necessidade desesperada de um cochilo.”

“Sem problema. Tenho uma cama. Veem, vou mostrar para você.” Ryan fez sua melhor imitação de um sorriso inocente.

Tom ficou olhando o vulto nas calças jeans de Ryan, sua língua aparecendo em seu lábio inferior. “Pensando bem, realmente não estou tão cansado.”



* * * * *

Saíram juntos do apartamento de Ryan, este guiando o caminho, Tom logo atrás com sua mão apoiada ligeiramente na parte baixa das costas de Ryan. Ryan que não podia recordar sentir-se tão tranquilo e tão emocionado de uma vez só, com alguém novo. E pensar que este homem, tinha estado desejoso dele todo este tempo. Por que tinham esperado tanto tempo para voltar a se reencontrar?

A neve tinha cessado, apenas uma camada se aderindo ao carro. Enquanto saíam para a calçada, Ryan viu imediatamente que algo estava errado com seu Porsche. “Mas que...?” Ryan deteve-se bruscamente, fazendo que Tom lhe golpeasse por trás.

“O que foi?” Tom perguntou.

Ryan caminhou rapidamente ao redor do carro, seus piores temores confirmados. As quatro rodas estavam murchas. Ryan realmente sentiu que seus joelhos se dobravam. Por um momento pensou que poderia estar doente.

Tom deu um assobio. “Nossa. Os pneus foram cortados.”

Ryan tentou respirar fundo para tranquilizar-se. *Calma*, disse a si mesmo. *Os pneus são substituíveis. Não é o fim do mundo. Deve de ter sido alguns malditos meninos.*

“Olha, há algo no para-brisa.” Tom moveu-se para poder agarrar a parte de papel dobrado metido debaixo do limpador de para-brisas. Entregou a nota sem abrir a Ryan.

Ryan desdobrou cuidadosamente, rapidamente dando uma lida na página. Em letras maiúsculas, dizia: DEIXA DE SE ENTROMETER AONDE NÃO FOI CHAMADO OU VOCÊ VAI PAGAR.

Assombrado e confuso, Ryan leu uma segunda vez, antes de levantar os olhos para encontrar-se com os de Tom.

“O que? O que diz?”



Sem dizer uma palavra, Ryan entregou a folha para Tom. Este o leu e levantou à vista, a confusão de Ryan se refletiu em seu rosto. “Incomodou alguém por aqui, Ryan? Teve problemas deste tipo antes?”

“Não. Nunca.” Ryan sacudiu a cabeça com incredulidade.

“Poderia ser algum tipo de ataque de merda a homossexuais?”

“Deus, acredita que é isso? Ou talvez algum idiota me confundiu com outra pessoa.”

“Alguém mais com um carro como este? Odeio ter que dizer Ryan, mas parece bastante improvável.”

“Porra.” Ryan amaldiçoou em voz baixa. “Pergunto-me se alguém viu algo.” Inclinou-se para tocar um dos rasgos serrados, onde um dos pneus havia sido cortado, sua mente dando voltas.

Tom olhou seu relógio. “Não é muito tarde, o borracheiro ainda deve estar aberto. Há alguém da região que possa rebocar o automóvel?”

Ryan pensou um momento. “Jack Harris, meu amigo do pub. Ele tem uma oficina mecânica não muito longe daqui. Tenho seu número.”

“Bom. Ligue para ele, e então devemos informar isto à polícia.”

Ryan assentiu, o choque dando lugar à ira. Procurou o número de Jack na agenda telefônica do seu celular e pressionou a tecla ligar. *Quem demônios faria isto? Era realmente um crime homofóbico, ou era algo mais pessoal, uma coisa dirigida especificamente a ele?*

Ryan explicou a situação a Jack, deixando de lado o bilhete, e lhe explicou onde estava. Tinha que manter o telefone afastado da orelha quando a grande voz de Jack trovejou. “Irei pessoalmente. Seu Porsche, hein? Que diabos você está fazendo, estacionando esse bebê na rua? Ficou louco?”

Ryan olhou para Tom, por um momento irracional, jogando a culpa nele. Se estivesse sozinho, nunca teria deixado seu carro ali. Consciente de que isto era ridículo e indigno de si mesmo, Ryan anulou o sentimento. “Evidentemente,” disse secamente a Jack. “Obrigado por me ajudar. Realmente aprecio.”



“Qualquer coisa por um companheiro cavalheiro,” Jack brincou, e desligou.

“Quer que eu chame à polícia por você?” Tom perguntou.

Ryan assentiu, contente de que Tom estivesse ali. Observou enquanto Tom fazia a chamada e deu a eles os detalhes. “Estarão aqui em uns dez minutos.”

“Obrigado.” Ryan se sentiu um pouco melhor. Pelo menos estavam tomando algum tipo de ação, apesar de que aquilo não solucionava o mistério de quem tinha feito isto, nem por que. Ele voltou para o carro, seu bebê, e suprimiu um gemido.

Jack chegou uns minutos depois, estacionando seu caminhão de reboque e saltando da cabine. Como fazia sempre, Jack parecia ocupar mais espaço do que as pessoas normais. Não é que ele era especialmente grande ou alto, mas algo nele transmitia uma presença que demandava ter cautela.

“Este é Jack Harris,” Ryan disse a Tom. “Jack, este é Tom Shafer, um velho amigo meu.” Os dois homens estreitaram a mão. Jack usava uma camisa de trabalho jeans sobre uma camiseta preta. As mangas da camisa estavam enroladas até o cotovelo, revelando os antebraços cobertos de tatuagens. Tinha o cabelo escuro, muito curto, e a sombra escura de barba de vários dias em suas bochechas.

“Um amigo, hein?” Jack olhou para Tom de cima abaixo com um sorriso lascivo. “Só um amigo?” Sua voz gotejava com insinuações. Ryan resistiu ao impulso de lhe dizer que recuasse. Ele sabia que Jack era um safado, que gostava de gabar-se de haver fodido seu caminho através da vida, rompendo suas relações ao primeiro sinal de apego.

Ryan sempre tinha admirado em silêncio a capacidade de Jack por manter seu coração completamente fora da imagem. Invejava a capacidade de Jack para mover-se de um homem a outro sem cuidado.

Mas agora, olhando para Tom e sentindo seu coração aquecido, Ryan já não estava tão seguro de que ser impenetrável ao amor fosse o melhor caminho a seguir.

“Um amigo *muito* bom,” respondeu Tom, movendo-se para pôr seu braço sobre os ombros de Ryan.



Jack riu de bom humor e levantou as mãos em um gesto de rendição. “De acordo, de acordo. Nunca faz mal assegurar-se.” Ele sorriu.

Virando-se para o carro, ele se ajoelhou, e examinou o pneu. “Estes são história,” ele observou. “Não tenho este tipo de pneus em estoque neste momento e amanhã é domingo...” Fez uma pausa e então se iluminou. “Espera um minuto. Você pode ficar com os pneus do Marcos.”

“O quê?” Marcos, outro membro dos Cavaleiros Solitários, também era dono de um Porsche. Era algo que ele e Ryan tinham em comum, e a única coisa sobre a qual falavam, quando se encontravam. Marcos era muito duro, por isso parecia a Ryan, e ele realmente desfrutava ver Jack o provocando, coisa que fazia sem descanso durante as reuniões do clube.

“Sim. Sua Pirelli P Zeros acaba de chegar. Elas seriam perfeitas para seu bebê. Melhor do que os que têm agora, e não custam mais que estes. Ele deveria levar seu carro na segunda-feira, mas ele pode esperar alguns dias até que eu volte a encomendar outros.”

“Tem certeza de que ele estará de acordo com isso? Quero dizer, se ele estiver esperando-os e tudo mais...”

“Bom, ele somente terá que aceitar, não é assim? Não se preocupe, posso cuidar do Marcos Savakis. Ele fará o que eu digo, e vai gostar.” Jack riu e piscou um olho. Ryan se limitou a sacudir a cabeça, mas não podia negar que estaria feliz de ter pneus novos imediatamente.

A polícia chegou. Tom e Ryan deram seu relatório, enquanto que Jack subia o carro no caminhão. O policial olhou a ambos com cepticismo, ou assim pareceu ao Ryan, mas sempre de maneira profissional. Levaram a nota com eles e aconselharam Ryan a reportar qualquer outra maldade, a qual ele assegurou que faria.

“Tenho um trabalho urgente que terminar ao final do dia, mas no pior dos casos, vou ter o carro pronto na primeira hora da manhã.”

“Obrigado, Jack. Devo-te uma grande.”



“Sim, me deve isso. Não se preocupe, cobrarei depois.” Rindo, Jack subiu à cabine de seu caminhão e partiu, com o carro de Ryan no reboque.

Retornaram para casa. Ryan teve a precaução de fechar a porta. Deu-se conta de que já não se sentia seguro em sua própria casa. Quem teria escrito essa maldita nota, e por quê?

Ryan abriu duas cervejas e ambos se sentaram no sofá da sala. “Sabe, eu estava pensando,” Tom disse. “Talvez isto não seja um crime de ódio. Talvez possa tratar-se da sua prática da lei? Aquele tipo no restaurante, o valentão. Seria capaz de algo assim?”

“Também me ocorreu isso, embora sejamos muito cuidadosos a respeito de manter nossa informação privada. Suponho que se ele cavou ao redor o suficientemente, poderia averiguar onde eu moro. Mas por que incomodar-se? O que vai obter ameaçando a um advogado júnior no caso?”

“Não sei,” respondeu Tom dando um comprido gole em sua cerveja. “Talvez a polícia encontre algo. Enquanto isso, pedimos uma pizza e ficamos por aqui? Vou fazer o meu melhor para distrair sua atenção de qualquer que seja o inferno que está passando.”

Ryan olhou ao arrumado homem, e apesar de suas preocupações, encontrou a si mesmo sorrindo. “Essa,” disse, inclinando-se para Tom, “é uma excelente ideia.”

* * * * *

Na manhã seguinte, apesar de ser domingo, Jack, o amigo de Ryan os chamou. Ambos caminharam por vários quarteirões para a loja do Jack, o que foi bom, desde que Tom tinha perdido sua corrida pela manhã.

Uma vez de volta no interior do carro de Ryan, este disse, “Vou te levar a sua casa.”

“Maravilha.”

Ryan estava consideravelmente mais relaxado no caminho de volta, e Tom estava satisfeito de notar isso. Na noite anterior, Ryan tinha ficado nervoso e ansioso. Apesar de sua



vontade declarada de se distrair, Ryan não tinha sido especialmente sensível aos intentos de Tom de envolvê-lo sexualmente.

Tom disse a si mesmo que era só um caso de nervos, e não o descobrimento tardio de que Tom tinha quase cinquenta anos e era muito velho para ele. Com toda a graça que pôde reunir, aceitou a sugestão de Ryan de ver filmes antigos na cama e dormir, só dormir.

Tom tinha deixado que Ryan estacionasse na garagem, deixando seu velho Toyota Corolla na rua. Uma vez dentro da casa, Ryan pôs seus braços ao redor de Tom e se inclinou para ele, acariciando contra seu pescoço. “Sinto muito por ter sido um bebê chorão ontem à noite. Sinto-me melhor. Suponho que devo me considerar afortunado já que eles danificaram apenas os pneus.”

“Sim,” Tom concordou, apesar de que seguia preocupado pelo bilhete. Não tinha sentido angustiar Ryan com mais especulação, por isso guardou silêncio sobre o assunto.

Para compensar seu celibato da noite anterior, fizeram amor na cama de Tom, dando-se prazer oral um ao outro. Tom estava preparado para mais, mas Ryan caiu sobre ele, caindo no sono quase imediatamente depois de seu orgasmo.

Divertido de ver que um velho tivesse mais poder de continuar do que seu jovem amante, Tom foi à cozinha por uma xícara de café. Quando foi verificar Ryan uns minutos mais tarde, este ainda estava dormindo. O quarto estava frio, e Tom colocou a manta sobre seu corpo.

Ele saiu novamente para partir um pouco de lenha para a lareira. O exercício físico sempre o tinha ajudado a esclarecer sua mente. Tom tirou o relógio e o anel, deixando tudo no vaso de barro vazio que pendurava na cerca do pátio baixo, esperando por aquele “algum dia” quando começasse a cultivar uma horta novamente.

Com o machado na mão, Tom se aproximou da parte de trás da propriedade, onde tinha empilhado um montão de madeira seca desde o começo da estação. Embora o dia estivesse frio, suou um pouco, e teve uma boa pilha de madeira cortada em uma hora. Ele



quase tinha terminado quando o som de algo espatifando e quebrando contra a pedra o fez olhar para cima bruscamente.

Deixando cair o machado, Tom correu para o pátio. O vaso de barro estava em pedaços no chão, o relógio estendido em meio dos fragmentos de cerâmica. Ouviu o som de um carro afastando-se ruidosamente, seus pneus chiando contra o asfalto.

Com cautela pegou o relógio de entre as peças afiadas de cerâmica quebrada. O cristal estava quebrado, quase como se alguém tivesse pegado um martelo para esmagá-lo. Tom examinou a desordem.

O anel.

Onde estava seu anel?

De joelhos sobre o pavimento frio, ele esquadrinhou vagarosamente, procurando o brilho da prata. Não estava em lugar algum. Ficou de pé, movendo-se ao redor da grama seca e do barro que havia em seu pátio traseiro durante essa época do ano, procurando o anel durante vários minutos. Uma vez mais, não estava em nenhum lugar para ser encontrado.

Voltou para o pátio, buscando uma vassoura e uma pá de lixo que mantinha exatamente atrás da porta. Varreu as partes da cerâmica, olhando todo o tempo, procurando o anel de William, mas foi em vão. Deu-se conta de que havia um pedaço de papel dobrado entre a desordem.

Voltando para a cozinha, descarregou cuidadosamente o conteúdo no lixo, mas recuperou a nota, seu coração golpeando em desagradável antecipação.

SE SABE O QUE É BOM PARA VOCÊ, VOCÊ VAI DEIXAR O MENINO EM PAZ, VELHO. SEI ONDE VOCÊ MORA.

A folha tremeu, e Tom se deu conta de que sua mão tremia, não com temor, mas sim de ira. Que diabo estava acontecendo? Lembrando-se dos pneus destruídos, Tom correu por toda a casa até a porta principal, que abriu. Apesar de saber que era muito tarde, olhou para cima e abaixo na rua, embora já estivesse preparado, desejoso, para enfrentar ao delinquente. Mas a rua estava vazia e calma, pacata em sua quietude habitual de domingo de manhã.



Tom se dirigiu resolutamente para o dormitório. “Ryan, acorde.”

“Mmmm,” Ryan murmurou, sem abrir os olhos.

Tom se sentou na beira da cama e sacudiu seu ombro. “Acorda, deixaram outro bilhete. E quebraram meu relógio. Meu anel desapareceu. O anel de William se foi. Eu estava na parte de trás, cortando lenha. Quem quer que fosse, destroçou o vaso de barro, pegou o anel e deixou uma nota em seu lugar.”

Ryan se sentou, com os olhos bem abertos agora. “O quê?”

Tom acariciou o dedo, que se sentia nu sem seu anel de prata. O anel de William, o anel que levava em memória de um homem que tinha amado de verdade. Estava simplesmente perdido na grama, ou o imbecil que deixou a nota o levou? Maldita seja, em que tipo de intriga sórdida Ryan o tinha enredado?

“O que é que você não me disse Ryan?” Tom exigiu. “Que inferno está acontecendo? Quem está mandando as ameaças e por quê?” Sacudiu o papel na frente de Ryan, ciente de que mesmo enquanto ele fazia, ele não estava sendo justo.

Ryan leu o bilhete e deixou-o cair como se lhe queimassem os dedos. “Eu não sei, eu juro. Sei tanto quanto você.”

“Sim, bem, agora estou sendo ameaçado também. Minha propriedade particular foi destruída e talvez roubada. Recebi a ordem de deixar de ver você. Não quero fazer isso. Mas tenho que saber o que está acontecendo.”

“Eu já disse para você, eu não sei.” Ryan deixou cair sua cabeça entre suas mãos, passando os dedos por seu cabelo loiro e sedoso.

“Meu anel,” Tom insistiu, não podendo deixar que desaparecesse. “Tenho que encontrá-lo. Não é como os pneus, uma coisa facilmente substituível...”

“Olha, eu sinto por seu anel. Lamento tudo isto. Não sei o que está acontecendo. Talvez seja um sinal de que eu não deva me envolver com ninguém. Provavelmente será melhor que faça o que diz no bilhete.”



“É isso o que você quer? Vai dar a volta e fugir, no segundo em que as coisas ficam difíceis?” Tom disse. Consciente de que estava sendo injusto, Tom não podia deter-se. Era por causa do anel, maldição. O anel tinha feito disto algo pessoal. O anel de William, perdido, possivelmente para sempre, devido às fodidas relações passadas de Ryan.

Consciente de que não estava fazendo nada para ajudar a questão, Tom encontrou-se dizendo, “Seja lá o que estiver acontecendo, está claro que isto não tem nada que ver diretamente comigo. Mas agora, quem fez isto sabe onde vivo. Maldição, sou um professor de uma universidade. Não posso ter este tipo de intriga sombria passando em minha vida.”

“Você tem razão,” Ryan vociferou, com fúria em sua voz. “O que quer que esteja acontecendo, não podemos permitir que manche sua imaculada reputação em Rutgers.” Ryan saltou da cama e começou a puxar suas calças jeans. Pegou seu suéter, passando ele sobre sua cabeça. “Eu saio por mim mesmo. Não se esqueça de fechar a garagem depois de minha partida. Embora, desde que eu sou o problema, você vai estar bem uma vez que eu tenha partido.”

Toda a ira irracional de Tom para com Ryan sumiu. “Espera! Não vá, Ryan. Eu estava sendo um idiota. Sinto muito. Por favor...” Ele seguiu Ryan, que tinha saído do quarto e se dirigia rapidamente através da casa, agarrando seu casaco, enquanto passava.

“Ryan, vamos falar sobre isso,” A porta para a garagem se fechou. Um momento depois, Tom ouviu o ruído metálico do portão elétrico da garagem abrindo lentamente, e o ronronar do motor do carro de Ryan. Tom deixou-se cair sobre a mesa da cozinha, deixando sua cabeça cair entre as mãos.

* * * * *

“Quem é? Quem está aí?” Alguém estava batendo com força na porta. Por um momento, Ryan foi arrastado de novo a três anos atrás, aquele velho e familiar nó em seu



estômago, pelo medo formando-se em suas vísceras. Mas não podia ser ele, não depois de todo este tempo. Sacudiu a ideia para longe, rechaçando-a.

Depois de um domingo à noite sem dormir, Ryan tinha passado uma miserável segunda-feira movendo-se mecanicamente no trabalho. Queria ligar para Tom, mas ao mesmo tempo, estava zangado com o modo em que Tom tinha atuado, como se o que quer que estivesse acontecendo fosse culpa dele.

Apenas imaginou, não é? Pela primeira vez em anos, possivelmente pela primeira vez de todos os tempos, ele tinha pensado que tinha encontrado alguém com que realmente pudesse ter uma oportunidade. Tanto por isso. Ao primeiro indício de problemas, Tom tinha se comportado como um homem diferente. *Quem precisa de um tipo como esse de todos os modos, alguém que ainda está pendurado em seu amante morto, que enlouquece por perder uma joia, mais preocupado com isso que por sua própria segurança?*

A maçaneta da porta se sacudiu. Ryan desligou a televisão e ficou de pé, avançando para a porta. “Quem é?” perguntou de novo, os nervos a flor da pele. Colocou a mão no bolso, tocando com os dedos seu celular, disposto a ligar para o 911 caso fosse necessário.

“Sou eu, Tom. Por favor, Ryan. Posso entrar?”

Ryan olhou pelo olho mágico, só para assegurar-se. Abriu a porta e deu um passo para trás, deixando Tom entrar, sem saber exatamente como se sentia ao vê-lo.

Tom ficou no alpendre, com as mãos metidas nos bolsos, um triste sorriso em seu rosto. “Sinto muito, Ryan. Comportei-me como um total idiota. Eu exagerei. Espero que possa me perdoar. Passou muito tempo desde que alguém me importasse o suficiente. Aconteça o que acontecer, eu quero estar aqui com você. Por nós. Não quero estragar isto.”

Ryan deu um passo para trás para deixá-lo entrar, ainda lhe doía, mas tinha esperança. “Eu tampouco, Tom. Alegro-me de que tenha vindo.”

Tom abriu os braços e Ryan se afundou neles. Pegando o rosto de Ryan em suas mãos, Tom o beijou com força na boca. Ryan inclinou-se para ele, envolvendo os braços ao redor de Tom. Seus corpos simplesmente pareciam se encaixar. Pela primeira vez desde o



ocorrido, os músculos de Ryan se desenrolaram e apoiou-se fortemente contra Tom, perdendo-se, pelo menos por um momento, no beijo.

Quando Tom finalmente o deixou ir, ele deu um passo atrás, seus olhos escuros focados em Ryan. “Não quero destruir o que estamos construindo aqui. Se fizermos isso, Ryan, ele ganha. Quem está fazendo isto, ganha.”

“Sim,” Ryan concordou. Ele alcançou Tom, puxando-o para perto de novo, necessitando outro beijo, desejando a pressão do corpo quente de Tom.

Quando se separaram novamente, Tom disse, “Eu vim diretamente da universidade para cá. Tinha que vê-lo, pedir desculpas cara a cara. Eu nem sequer parei para comer. E você? Já comeu?”

“Não. Não estava com fome. Provavelmente poderíamos ir por algo agora. Há um pequeno restaurante italiano na esquina que é bom e rápido. Quer ir até lá?”

“Claro.” Tom sorriu. “Podemos esmiuçar isso durante o jantar. Descobrir com o que estamos lidando.”

Durante a lasanha, pão fresco quente, vinho tinto Italiano, eles conversaram, conjecturando teorias a respeito de quem poderia estar fazendo isto, e por que. “Um dos meninos na equipe legal lidou amplamente com o Bangert em um caso anterior. Vou perguntar a ele para ver se Bangert já usou alguma destes truques antes.”

Tom sacudiu sua cabeça negando, pensativo. “Não acredito. Esse primeiro bilhete, talvez. Mas este segundo, é pessoal. Estou pensando que poderia ser seu ex. Tive minha experiência com este tipo de coisas. É uma clássica tática de um amante ou ex-amante controlador. Sobre tudo alguém como Kurt, que esteve limitado pela lei em sua interação com você. Ele não se atreve a ameaçar diretamente, mas poderia estar detrás destes bilhetes anônimos e os atos de vandalismo aleatórios, eles não poderiam ser diretamente fixados nele.”

Um arrepio subiu pelo corpo de Ryan. *Eu nunca vou deixar você ir, nunca. Algum dia, de algum jeito, quando menos esperar, reclamarei o que é meu.* As palavras que ele tinha banido de



sua mente quando se separou definitivamente de Kurt, vieram espontaneamente e sem desejá-lo a sua mente, e sabia em seu âmago que Tom tinha razão.

“Mas qual é o motivo?” ele perguntou. “O que ele espera obter com estas ameaças? E não é como se ele fosse me ganhar de volta cortando os meus pneus.”

“Caras como esse não pensam ao longo das linhas racionais. Eu suponho que é mais como: ‘Se eu não posso tê-lo, ninguém pode.’”

“Vou voltar ao tribunal,” Ryan disse, golpeando o punho sobre a mesa. “Vou à polícia outra vez.” Olhou ao redor do restaurante, escaneando os rostos dos outros clientes. Talvez Kurt estivesse ali agora, olhando furtivamente, planejando seu próximo movimento. Ou talvez estivesse de volta na casa de Ryan, planejando uma forma de romper e destruir o lugar.

“Vamos sair daqui,” Ryan disse, deixando cair seu guardanapo sobre a mesa e empurrando para trás sua cadeira. “Vamos tomar o caminho de volta para casa. É mais rápido.”

Estava escuro, a lua se escondeu entre as nuvens. O beco pelo qual caminhavam estava iluminado apenas pela luz das janelas das casas. Quase ao mesmo tempo em que começaram a caminhar, Ryan escutou o som de passos detrás deles.

“O que é isso?” disse, detendo-se para escutar. Os passos pararam também. Ryan saltou ante o som de uma espécie de morcegos se chocando contra um cesto de papéis, que foi derrubada e rodou em algum lugar justo detrás deles.

“Vamos.” Ryan agarrou o braço de Tom. “Vamos sair daqui.”

“Ryan, se é o Kurt, vamos enfrentá-lo agora e fazer frente a isto.”

“E se não é? Se for ladrões ou alguma merda de gang de ruas? Quer enfrentar a eles também?”

Outro cesto de papéis rolou e eles começaram a caminhar, muito mais rápido agora. O som de passos recomeçou atrás deles, cada vez mais perto.

De comum, e em silêncio acordo, Tom e Ryan começaram a correr.



“É isso mesmo, corra!” Alguém gritou atrás deles. “Corre, velho! Você não tem negócios com esse menino bonito. Corre, corre, o mais rápido que puder.” Houve risadas, pontuadas pelo som de metal ressoando.

Uma vez a salvo em seu apartamento, Ryan disse, “Aquela não era a voz de Kurt no beco.”

“Mas quem quer que fosse, não estava sozinho,” Tom disse. “Se for Kurt, ele poderia ter encarregado outra pessoa para fazer isto por ele. O moço que estava com ele no ginásio, talvez.”

“Deus, não posso acreditar que isto esteja acontecendo. Correndo assustado em minha própria maldita vizinhança. Isto tem que parar.” Estavam sentados juntos no sofá. Ryan se virou para Tom, odiando o que estava a ponto de dizer, mas sentia que devia a Tom, pelo menos uma saída.

“Olhe. Sinto muito sobre tudo isto que aconteceu. E quero que saiba que entenderia perfeitamente se quiser dar um tempo. Pelo menos até que possa descobrir o que está acontecendo e resolvê-lo. Como você disse, você tem sua reputação e...”

“Não, pare. Lamento haver dito essa porcaria. Por favor. Não quero fugir. Seja lá o que está acontecendo, vamos enfrentar juntos. Não vamos mais correr e nos esconder. Vamos chegar ao fundo disto.”

Alívio inundou Ryan. Não importava que problemas cada um tinha com seu passado, Ryan queria Tom em sua vida. Ele queria a oportunidade de, pelo menos, dar a sua relação em formação uma oportunidade.

“Obrigado,” ele sussurrou, esperando que sua gratidão fosse suficientemente transmitida nessa única palavra.

“Pode apostar.” Tom sorriu, a pele ao redor de seus olhos se enrugou nas esquinas. Ele ficou sério quando acrescentou. “Agora temos que decidir o que fazer com meu carro. Está estacionado na rua, mas as probabilidades de que esse idiota saiba que é meu são altas. Não vamos dar-lhe uma oportunidade de cortar os *meus* pneus.” Olhou para seu pulso, onde



o seu relógio deveria ter estado, e ofereceu um sorriso triste. “Provavelmente deveria ir de todos os modos. Tenho uma aula amanhã às oito.”

“Seria bom,” Ryan fez uma pausa, sentindo-se estúpido e zangado consigo mesmo por estar deixando que velhos sentimentos, sentimentos que ele tinha pensado que tinha dominado, tirassem o pior dele. Sem dúvida, era homem o suficientemente para ficar em sua própria casa. Não era como se Kurt tentaria forçar a porta e entrar, e inclusive se fizesse, Ryan podia chamar à polícia.

“O quê?”

“Não, não é nada.”

Tom procurou em seu rosto. “O quê? Vamos, pode me dizer.”

“Bom, eu estava pensando, talvez eu poderia segui-lo até sua casa. Essa coisa no beco meio que me assustou. Eu só... só não quero ficar sozinho esta noite.”

Tom se aproximou de Ryan, o envolvendo em seus braços e o respondendo com um beijo.

* * * * *

Tom olhou para as nuvens pesadas, enquanto caminhava da porta de entrada para seu carro, que tinha estacionado na rua de novo para que Ryan pudesse proteger seu fantástico Porsche dos possíveis delitos. Ryan tinha saído uma hora antes para o trabalho para evitar o tráfico da cidade.

Tom se meteu no assento dianteiro de seu velho carro e pôs a chave na ignição. O cabelo da parte posterior de seu pescoço se levantou e ele sabia que algo estava errado, uma fração de segundo antes de sentir algo muito duro empurrando fortemente contra a parte posterior de seu pescoço.



“Mova-se e eu mato você.” A voz do assento traseiro era baixa, e Tom sabia por instinto quem era. Como é que Ryan tinha se misturado com esse tipo?

“O que você quer?” Tom tentou manter sua voz firme, perguntando-se como poderia alcançar seu telefone sem ser observado.

“Quero que você dirija. Para o Ocean Grove, para ser mais preciso. É na costa, perto do Asbury Park. Pegue a Rota 18, para o sul. Vou dar instruções mais específicas quando nos aproximarmos. Mas primeiro, me dê seu telefone celular.”

Tom vacilou, tratando de pensar em uma maneira de sair disto, a ponta da faca ainda pressionando com força contra sua pele. Sem se virar, disse com voz tranquila, “O que está fazendo, Kurt? O que espera conseguir com tudo isto?”

“Então você descobriu, não é? Cara esperto. Não pense que Ryan fique ficará impressionado. Ele gosta de caras fortes, como eu. O que quer que esteja fazendo com você, não vai durar. Só Deus sabe por que está saindo com um homem velho. Menos mal que estou de volta à cidade para colocá-lo no caminho certo. Agora, me dê o maldito telefone.” Para enfatizar o que dizia, empurrou a ponta da faca mais forte, e Tom se encolheu de dor, enquanto a faca furava sua pele. Ele podia sentir um fio de sangue correr por seu pescoço.

“O telefone, imbecil.”

Sua mente vacilou, mas Tom agarrou o telefone do bolso interior de sua jaqueta e o jogou atrás dele.

“Muito bom vovô. Agora dirija.”

* * * * *

O telefone celular de Ryan vibrou, ativando seu Bluetooth. Olhou para o telefone ao seu lado e sorriu. “Tom. Fico feliz que tenha ligado. Ainda estou preso no trânsito à caminho da cidade, mas falei com a polícia outra vez e...”



“A polícia, hum? Por que está desperdiçando o tempo deles?”

O sangue de Ryan congelou. Ele conhecia essa voz, poderia reconhecê-la em qualquer lugar, apesar de que tinha feito todo o possível para esquecê-la. “Kurt.”

“O mesmo.”

“Está violando sua ordem de restrição. Posso prestar queixa.”

“Não. Estou usando o telefone do Tom, por isso não conta.”

Não entre em pânico. “Por que está no telefone do Tom? Onde ele está?”

“Ele está aqui. Diga oi, velho.”

Houve uma pausa e, então, “Oi.”

“Tom! Você está bem? O que ele está fazendo? O que aconteceu? Onde você está?”

Ryan agarrou o volante fortemente, seu estômago apertado com medo. Ele estacionou ao lado da estrada, tratando desesperadamente de manter a calma.

“Sinto muito, bebê. Ele não pode falar agora. Ele está ocupado dirigindo. Você não quer que ele morra, ou quer?”

“Kurt, que diabos está acontecendo? O que pensa que está fazendo?”

“Relaxe. Nada disto estaria acontecendo se tivesse me escutado. Eu te disse para se afastar do velho, mas por alguma razão, você colocou na sua cabeça que ele é melhor do que eu. Você simplesmente não escuta, Ryan. Esse sempre foi seu problema, você não *escuta*.”

Ryan fechou os olhos, as lembranças não desejadas do punho de Kurt em seu estômago, a mão de Kurt levantando-se rapidamente para sua mandíbula, enquanto dizia essas palavras odiosas: *você simplesmente não escuta*. Tinha estado muito envergonhado para admitir ante a Tom o que tinha tolerado nas mãos de outro homem. Tom não ia querer nada com ele, uma vez que soubesse disso.

Mas isso não se pôde evitar. Tinha que tirar Tom desta confusão, isso era a única coisa que importava. “O que você quer, Kurt?” Tentou falar de uma maneira não ameaçadora, apesar de que seu âmagio se agitava com fúria.



“Quero que você me encontre no Porto Lodge Place. Sabe aquela pousada em Ocean Grove, que costumávamos ir quando éramos felizes, antes de você arruinar tudo.”

“Ocean Grove.” Ryan o cortou. “É onde você está agora?”

“É para onde nos dirigimos. Encontre-nos na ponte atrás da pousada. Quanto tempo até você chegar lá?”

Ryan jogou uma olhada ao relógio do carro e fez alguns cálculos mentais rápidos da rota que tinha que tomar para fazer o melhor tempo. “Talvez uma hora. Possivelmente menos já que vou contra o tráfico.”

“Vamos estar lá antes disso. É melhor você aparecer, ou este velho vai tomar um banho involuntário.” A conexão se cortou.

Ryan voltou para o tráfico, seu coração batendo a mil por hora. “Que ele esteja a salvo, que ele esteja a salvo,” sussurrou. Uma vez indo na direção correta, ligou para o 911. Tratou de explicar o que estava acontecendo. A pessoa no outro lado não parecia compreender o que estava dizendo. Ryan tentou pensar que tipo de carro Tom dirigia. “É preto. Um Toyota preto, talvez de dez anos. Não sei. Não, eu não sei o modelo. É propriedade de Thomas Shafer, um professor da Universidade de Rutgers. Vive em New Brunswick, perto do campus. Não, sinto muito, não sei o endereço. Não, eu não tenho certeza de onde eles estão agora, mas estão se dirigindo para Ocean Grove, Nova Jersey. Não, não me transfira para a polícia de Nova Jersey, por favor, eu...”

Uma vez que o transferiram para uma nova pessoa, tentou de novo explicar o que estava acontecendo e quem era. “Nova York? Sinto muito, senhor, você está falando com a polícia de Nova Jersey...” Ele tentou mais uma vez, sua voz se elevando enquanto a histeria ameaçava estourar através dele. Finalmente, ele tinha alguém na linha que parecia entender o que estava dizendo. “Vamos enviar alguém à pousada do porto Lodge imediatamente, senhor.”

“Nos encontraremos lá.” Desligou e se concentrou na estrada.



Por algum milagre, Ryan não foi parado, apesar de ter rompido todos os limites de velocidade e inclusive passar alguns semáforos. Ele meio que estava esperando ser parado, então ele poderia conseguir que a polícia o seguisse, mas não teve essa sorte.

Agora ele passava em frente à antiga pousada, fechada pela temporada, mantendo os olhos bem abertos para o estreito caminho cheio de buracos, que conduzia à ponte velha. Este tinha que ser o lugar de que Kurt tinha falado.

Ele viu o Toyota de Tom estacionado no mato perto da ponte e deixou escapar um instável suspiro de alívio. Explorando a área, ele viu os dois homens de pé, um ao lado do outro no centro da ponte. Parecia que eles estavam no meio de uma conversa. Ryan quase sorriu, imaginando Tom falando com o homem daquela forma tranquila, com seu tom de professor.

Enquanto estacionava o carro ao lado de Tom, ambos os homens se viraram para ele. Kurt se moveu de repente, agarrando Tom pelas costas, um braço ao redor de seu pescoço, o outro, apontando com uma faca para o peito de Tom. Estava apoiado de costas contra a grade da estreita passarela, mantendo Tom diante dele como um escudo.

A adrenalina se apoderou do âmago de Ryan. Obrigou a si mesmo a se mover lentamente. Kurt era maior e tinha uma faca, mas eram dois deles contra um, e eles tinham cérebro. Ele aproximou-se do casal, parando o mais perto da ponte que conseguiu.

“Ryan. Bebê.”

“O que está fazendo, Kurt? Baixe a faca e deixa-o ir.”

“Claro, claro.” Para sua surpresa e alívio, Kurt baixou a faca e a meteu em sua jaqueta. Solto o pescoço de Tom, mas colocou suas mãos grandes e carnudas nos braços de Tom. Ryan sabia que ele tinha força o suficiente para levantar Tom e atirá-lo à água. Pelo menos Tom parecia não estar machucado.

“Você está bem Tom?” Ryan perguntou.

“Sim,” Tom respondeu. “Kurt e eu estávamos realmente tendo uma conversa muito informativa, mas...”



“Cale a boca, velho,” Kurt estalou, sacudindo Tom enquanto falava. Seu tom se suavizou, chegando a ser quase lisonjeador quando se concentrou novamente em Ryan. “Isso é tão louco, certo, Ry?”

Ryan não respondeu.

“Você me obrigou a fazer isto,” Kurt continuou. “Você não vê? Você eliminou todas as vias que eu tinha para falar com você. Não tinha permissão para te ver, ou chegar perto da sua casa ou do seu trabalho. Não tinha permissão para ligar ou te enviar um email, pelo amor de Deus. O professor aqui estava me contando a respeito de como a comunicação é importante, mas você a fechou. *Você* fez, Ryan. Você me levou a isto, então culpe a si mesmo por isso, não a mim.”

“O que você quer, Kurt? Por que envolver mais alguém em algo como isto?”

“Ei!” Kurt negou enfaticamente balançando a cabeça. “Não me culpe por isso! Você é o único aqui pegando esse velho. Você o levou para a sua casa e transou com ele.” Enrugou o nariz em uma paródia de desgosto. “Boa coisa que voltei para a cidade. Não se sabe com quem você terminaria transando depois.”

“Kurt, isso é...”

“Não, não, sinto muito.” Kurt liberou um dos braços de Tom para agitar sua mão para dar ênfase. “Mas eu simplesmente não entendo sua fascinação com os velhos. Ele tem o cabelo cinza, pelo amor de Deus.”

Ryan deu um passo adiante, suas mãos involuntariamente se enrolando em punhos em cada lado de seu corpo. Tom fez um movimento imperceptível de cabeça e Ryan se acalmou, esperando. “O negócio é,” Kurt continuou. “Pensei que você estava apenas confuso. Não se dá conta de que este tipo é patético, por que vou te perdoar pelo fato de que apesar de que é velho, ainda se vê bem. Mas encare Ryan, ele é débil. Dei-lhe ordens como a uma menina, e ele não fez nada a respeito. Um homem de verdade teria golpeado a faca de minha mão. Um homem de verdade, não teria me deixado forçá-lo a conduzir por todo o estado para que eu pudesse atirá-lo no rio. Isso vai lhe dar uma lição, e te ensinarei o que é um



perdedor patético, o velho patético que é.” Kurt se apoderou dos dois braços de Tom novamente, aprisionando-o duramente.

“Kurt, isso é uma loucura. Deixa o Tom ir. Vamos nos sentar ali, na mesa de picnic, e conversaremos, de acordo? Deixa o Tom fora disto. Ele não significa nada para você.”

“Maldição, com certeza que não significa nada para mim. Muito menos para você também.”

“Senti saudades de você, Kurt.” Ryan falou com sinceridade tanto quanto pôde reunir, dada a fúria homicida que agitava seu estômago.

“Huh?” Kurt parecia confuso pela inesperada reviravolta que Ryan deu.

“Sim. Eu sei, é uma loucura. Mas tivemos um grande lance, verdade? Quero dizer, o sexo era incrível.” Ryan evitou os olhos de Tom, rezando como um louco que Kurt acreditasse em sua merda.

Kurt relaxou um pouco mais, rompendo seu rosto em um sorriso. “Sim. Foi. O melhor da história, Ryan. E você sabe. Sim, perdi meu temperamento às vezes, mas só quando você não me escutava...”

“Eu sei. E nós amadurecemos desde então, certo. Quero dizer, passaram-se três anos.”

“Três anos, dois meses e vinte e quatro dias,” Kurt lhe informou, enviando um calafrio pela espinha de Ryan.

Aconteceu rapidamente: Kurt tirou uma das mãos do braço de Tom e este o torceu de repente, causando que Kurt perdesse o equilíbrio. Soltando Tom completamente, Kurt gesticulava às cegas para manter o equilíbrio. À medida que lutava, Ryan pôs-se a correr para a ponte para ajudar Tom, apavorado do que Kurt poderia fazer. Mas antes que ele os alcançasse, Tom caiu ao chão de repente, envolvendo seus braços ao redor dos joelhos de Kurt. Kurt caiu para trás contra o corrimão da ponte.

Com um empurrão, Tom lançou a si mesmo sobre Kurt que caiu, aterrissando com uma grande pancada na água. Ryan alcançou Tom, puxando-o para seus pés. Eles olharam



para o lado. Kurt estava agitado e balbuciando, sem fôlego, apesar de que não parecia a Ryan, como se a água fosse muito profunda.

Eles se viraram para o som das sirenes, vendo quando dois carros de polícia vieram para o socorro tardio, luzes piscando.

* * * * *

Eles estavam deitados na cama de Tom mais tarde naquela noite, depois de várias horas passadas com a polícia. “O que é Ryan? O que está te incomodando? Ele está preso atrás das grades, e a fiança vai ser bastante alta, eu diria, por toda a merda que ele fez. Violar os termos da ordem de restrição, vandalização com o seu carro, invadir e destruir a propriedade privada, sequestro, assalto e agressão, que mais estou esquecendo?”

“Roubo de automóvel, assalto a mão armada e intenção de assassinato,” Ryan informou.

“Exatamente. Então, com o que você está preocupado?” Tom puxou Ryan em seus braços. “Não relaxou, nem sequer, depois de ter recebido minha famosa massagem de corpo inteiro.”

“É que não é sobre o Kurt,” Ryan disse finalmente, apoiando a cabeça sobre o peito de Tom. “É a respeito de mim. A respeito de nós.”

“O quê? Quanto a nós?”

Ryan deixou escapar um suspiro. Tom esperou, tentando não se antecipar. *Se aquele filho da puta tinha arruinado as coisas entre eles...*

“Suponho que me preocupa o que possa estar pensando de mim.”

“O que quer dizer? Não é culpa sua que Kurt seja um maldito idiota.”

“Sim, mas eu estive envolvido com ele. É culpa minha que você foi envolvido nesta confusão.”



“Alto aí, Ryan. Não é culpa sua. Kurt é mentalmente instável. Está louco. Seu comportamento não tem nada que ver com você.”

“Talvez agora. Mas se eu tivesse lidado comigo mesmo de maneira diferente lá atrás. Quero dizer, nada disto teria acontecido se eu tivesse estado em melhores condições para tratar com ele quando o abuso começou.”

Tom o atraiu para si. “O abuso,” ele ecoou em voz baixa, com o coração dolorido pelo homem mais jovem.

“Sim,” Ryan sussurrou. “Ele ficou louco no final, verdadeiramente violento. Ele me golpeou. Mais de uma vez. Eu... eu não pude me afastar imediatamente.” A voz de Ryan se encheu de vergonha. “Assim foi a coisa, Tom. Eu fiquei. Pensei que se eu pudesse apenas escutar, como ele dizia, ou mudar isto ou aquilo, então eu poderia mudar *ele*. Olhando para trás, não posso acreditar que tolerei o que me fazia durante esse tempo. Mas enquanto estava no meio disso, eu não sei, de algum jeito acreditava que era minha culpa. Que de algum jeito, eu merecia.”

Tom acariciou o cabelo de Ryan. “Escute-me. Eu estive ali. Não na medida em que você estava, mas eu estava em uma relação similar com um homem controlador. Você se lembra, que eu mencionei Anthony. Fui a terapia depois, que é algo que você poderia considerar também, se já não o tiver feito. A coisa principal que aprendi, Ryan, e que você precisa saber, é que não foi culpa sua. Não importa o que acontecer, ninguém merece ser tratado assim. Ponto. E não é menos homem porque ficou muito tempo nessa relação de merda. O importante é que saiu. Não só isso, assegurou-se de que não te incomodasse de novo, com a ordem de restrição. Tomaram medidas, Ryan. Seguiu adiante com sua vida e não deixou que te oprimisse.”

“Obrigado,” Ryan disse em voz baixa. “Mas eu não estou tão seguro disso. Nunca tive uma relação desde então. Eu tive encontros, transando com muitos. Nem sequer sei se tenho a capacidade de amar de novo. Estou muito prejudicado.”



“Oh, Ryan.” Tom puxou Ryan brandamente para seu peito e se aproximou do abajur. Ele encarou Ryan, que tinha sentado e estava piscando ante a luz. “Escute. Estamos todos bem danificados. Todo mundo tem uma história, todo mundo tem um passado. Isso não quer dizer que não tenhamos direito a encontrar a felicidade.”

“Tudo bem, então você tomou algumas decisões tolas. E sim, talvez você passou os últimos três anos construindo um muro, se juntando aquele grupo, por exemplo, para te manter a salvo da dor emocional. Necessitou de coragem para renunciar a isso, para arriscar-se mais, mas o melhor presente é a esperança. Para ter a oportunidade,” Tom agarrou a mão de Ryan na sua, “de encontrar o amor.”

Ryan ficou olhando. “Quer dizer que quer tentar, comigo? Depois de tudo isto?”

Tom sorriu. Podia ver a foto de William na mesa, e embora devesse ter sido um truque da luz, parecia como se estivesse assentindo, muito ligeiramente, em sinal de aprovação.

“Ryan,” disse, virando-se de William para o vivo, homem respirando ao seu lado. “Você é o primeiro homem desde que William morreu, que eu quis estar, não só por uma noite, mas na manhã seguinte também. Acredito que finalmente estou pronto, com você, para tentar de novo.”

“O anel dele,” Ryan disse. “Quando perdeu o anel, estava tão aborrecido.”

“Eu sei. E estou realmente arrependido por ter descontado em você. Mas no final, era apenas um símbolo. Em si mesmo, não valia nada. Ainda terei William em meu coração, com ou sem o anel de prata. Mas me dou conta agora, por fim, que agora eu tenho espaço para mais. Sempre será parte de meu passado, mas acredito que, com você, encontrei meu futuro.”

Tom fez uma pausa, tratando de pensar em algo mais que dizer, algo para transmitir a profundidade e amplitude de seus sentimentos. Mas quando olhou nos olhos de Ryan e viu a luz do amor brilhando ali, as palavras o abandonaram. Estendeu seus braços e Ryan se moveu para ele, seu beijo dizia tudo o que tinha que dizer.

Teste de Amor

Os Cavaleiros Solitários da Baía de Pelham 02

Claire Thompson

